

Marius von Mayenburg

PERPLEXO

Portugiesisch von Ole Erdmann,
Rio de Janeiro 2018

Alle Rechte vorbehalten, insbesondere das der Aufführung durch Berufs- und Laienbühnen, des öffentlichen Vortrags, der Verfilmung und Übertragung durch Rundfunk und Fernsehen. Das Recht der Aufführung ist rechtmäßig zu erwerben vom:

All rights whatsoever in this play are strictly reserved. No performance may be given unless a licence has been obtained. Application for performance etc., must be made before rehearsals begin, to:

henschel SCHAUSPIEL Theaterverlag Berlin GmbH
Alte Jakobstrasse 85/86, Aufgang 7

10179 Berlin,

Tel. +49 (30) 44318888

Fax: +49 (0)30 - 4431 8877

Email verlag@henschel-schauspiel.de;

Die Rechte an der Übersetzung liegen bei/Derechos de traducción:

Catuxa López Pato, catuxalp@gmx.de, catuxa.lopez.pato@xunta.es

Förderung der Übersetzung durch: *This Translation was sponsored by:*



Marius von Mayenburg
Perplexo
Tradução de Ole Erdmann

Todos os direitos de qualquer natureza desta peça são estritamente reservados. Pedido de desempenho, etc.
Deve ser feita antes ensaios começar, para:

Schauspiel Henschel

Theaterverlag Schauspiel Henschel GmbH Berlin

Marienburger Str 28

10405 Berlin

verlag@henschel-schauspiel.de

Tel: 030 - 4431 8888

Desempenho pode não ser uma licença a menos que recebam foi obtida.

Os direitos de tradução: Ole Erdmann. Agradeço a Paula Vilela e Souza cuidado e revisão da tradução

Contato: erdmanno@googlemail.com

Marius von Mayenburg

Perplexo

Personagens:

Eva

Judith

Robert

Sebastian

Localização:

A sala de estar em uma casa. À esquerda, a porta da cozinha, à direita, a porta que conduz para o corredor.

(Robert vindo do corredor, carregando duas malas. Ele as deixa no chão).

ROBERT: Bem.

(Ele está em pé entre as malas, olha em volta).

Alguma coisa do correio?

(Nada. Repete sem levantar a voz).

Algumas cartas?

(Nada. Ele tira o casaco, olha em volta e senta-se no sofá. Grita com raiva).

Perguntei-lhe algo, Eva.

(Nada. Ele se levanta e abre uma janela. De novo calmo).

Aqui precisa entrar um pouco de ar.

(Eva vem do corredor, um pacote debaixo do braço, segurando uma pilha de cartas e cartões postais na mão. No topo, uma carta postal que ela olha fixamente).

EVA: Robert...

(Ela para, olha fixamente a carta. Deposita o pacote sobre a mesa do sofá).

ROBERT: Ninguém abriu a janela esse tempo todo.

EVA: Robert..., eu estou-me perguntando...

(Robert sai da janela e bate contra a mesa do sofá).

ROBERT (surpreendido): Ai!

EVA: Você pagou a conta da light?

ROBERT (esfregando o osso da canela): Que light?

EVA: Empresa de energia elétrica. Se você pagou a conta.

ROBERT: Por quê? Eu me machuquei aqui agora...

EVA: Porque..., parece que eles cortaram.

ROBERT (olhando para sua canela): eu sempre fico roxo, imediatamente.

(Eva vai ao interruptor, ela liga e desliga. Nada acontece).

EVA: Tá vendo?

ROBERT: Sim. Não há luz. Mas a conta você não paga na companhia de energia.

EVA: É o que eu estou dizendo: Você não pagou!

ROBERT: Eles não podem simplesmente cortar a eletricidade assim.

EVA: Ah, não?

(Ela liga e desliga, com raiva).

ROBERT: E, aliás, por que eu?

EVA: Aqui estão dois avisos.

ROBERT: Por que eu deveria pagar a conta de luz?

EVA: Porque você disse que você cuidaria disso.

ROBERT: Isso você está inventando agora.

EVA: Robert, estamos sem luz. Estamos no escuro.

ROBERT: Está claro.

EVA: Porque o sol está brilhando. O sol vai se pôr e depois, tudo vai ficar escuro.

ROBERT: Isso é porque a terra gira. O que é que eu posso fazer?

EVA: Pagar suas contas de merda.

ROBERT: Olha só. Minhas contas...

EVA: Então, faça o que você diz. Caso contrário, eu mesma faço!

ROBERT: Como então, se eu estou de férias? Também não entendo por que Sebastian e Judith não avisam quando chegam essas notificações.

EVA: Por que eles não leem nossas cartas.

ROBERT: Eles estão todos os dias aqui regando suas flores estúpidas, então poderiam pensar um pouco e serem um pouco mais ligado, ou não?

EVA: E abrir nossas cartas?

ROBERT: Da light! Se está escrito em cima com letras maiúsculas "LIGHT", não é nada íntimo. Você abre. Você olha. Você pensa um pouco... É o mínimo, antes deles cortarem a luz daqui!

EVA: Não fica tão nervoso.

ROBERT: O quê?

EVA: Não fica tão nervoso.

ROBERT: Eu não estou nervoso! Olhe para você, você é que está nervosa: clic, clac, "nós estamos no escuro!".

EVA: Minhas flores não são estúpidas.

ROBERT: Não se trata das suas flores.

EVA: Elas são suas também.

ROBERT: Não.

(Nada).

Será que eles, pelo menos, as regaram?

(Eva vai para a cozinha para verificar).

Não ficaria surpreso. Por mais que Sebastian sempre diga: "é claro, eu faço, não há problema", depois ele está sempre tão ocupado em se sentir deslumbrante, que ele acaba esquecendo todo o resto. Ele vive em uma bolha.

(Nada).

Eva?

(Nada).

Eva?

ROBERT (em voz alta): Eu disse: ele vive em uma bolha!

(Nada. Ele grita:) Em uma bolha, você sabe?

(Nada. Ele está prestes a ir para a cozinha. Eva volta novamente. Carrega nas mãos uma planta em um vaso de tamanho considerável).

EVA: O que é que você disse?

ROBERT: Eu disse que ele vive numa bolha.

EVA: Quem?

ROBERT: Não sei. Sebastian.

EVA: Por que você disse isso?

ROBERT: Não tenho ideia.

(Refere-se ao chão:) O que é isso? Ela ainda está viva?

EVA: Sim. Foi você que a colocou lá?

ROBERT: Eu? Onde?

EVA: Eu não conheço essa planta.

ROBERT: Eu também não. Não conheço nenhuma planta. Você que é a botânica.

EVA: Nunca a vi. Esta planta é totalmente desconhecida para mim. Eu não tinha ideia de que havia este tipo de planta. E quando entro na cozinha, ela está lá e está viva!

ROBERT: Você deve ter plantado uma semente, e, enquanto estávamos de férias, a semente germinou e brotou essa planta.

EVA: Não.

(Nada).

ROBERT: O que tem dentro deste pacote?

EVA: Sei lá, não abri.

ROBERT: De quem é então?

EVA: Robert olhe você mesmo! Abra se quiser, e olhe dentro.

(Nada).

ROBERT: Eu vou desfazer a mala, finalmente.

(Começa a andar).

EVA: Enquanto tem luz.

ROBERT: O quê?

EVA: Porque quando o crepúsculo começar, você não vai ver mais nada.

(Robert bate na mesa do sofá).

ROBERT (surpreendido): Ai!

EVA: Tá vendo.

ROBERT: O quê?

EVA: Você não está vendo mais nada.

ROBERT: Eu vejo tudo. Será que essa mesa estúpida precisa ficar no meio do caminho?

EVA: De repente, a mesa é estúpida.

ROBERT: Eu te perguntei algo?

EVA: Só porque você não pagou a conta.

ROBERT: Que conta?

EVA: A conta de luz. Porque quando você não paga, você não pode ligar a luz e então você bate nos móveis no escuro, e depois você reclama que o móvel é que é estúpido. Você que é estúpido!

(Robert olha fixamente para ela, de repente começa a rir).

Por que você está rindo?

(Robert ri).

Porque você está rindo tão estupidamente?

ROBERT: Da mesma maneira que você está aí, em pé, com o seu vaso estúpido no meio da sala.

(Eva olha para si mesmo).

EVA: Eu pareço estúpida?

(Robert faz sim com a cabeça. Não consegue falar de tanto rir. Eva também começa a rir).

Estúpida, não é?

(Robert faz sim e morre de rir)

ROBERT: Estúpida.

(Eva ri. Robert ri. Sebastian e Judith entram na sala).

JUDITH: Parece muito divertido aqui.

(Eva e Robert param de rir).

JUDITH (para Sebastian): Olha! Eles estão rindo.

SEBASTIAN (com sorriso irônico): Eles não riem.

EVA (cumprimenta-os com euforia): Sebastian. Judith.

(Ela deposita o vaso com a planta na mesa do sofá e abraça os dois).

ROBERT: É verdade. Vocês têm a chave.

EVA: Nós estávamos falando sobre vocês agora.

SEBASTIAN: Só coisas boas, eu espero.

ROBERT: Claro, isso é exatamente o que eles sempre dizem quando é dito, "estávamos falando sobre vocês".

EVA (responde à Sebastian): Apenas coisas boas, com certeza.

ROBERT (dá a mão para Sebastian): Olá Sebastian, você sempre diz o que eles sempre dizem?

JUDITH: Por quê? Sobre o que vocês estavam conversando?

SEBASTIAN (se senta): E, como foi nas férias?

(Os outros também se sentam aos poucos).

ROBERT: Mais uma vez.

EVA: O quê?

ROBERT: Mais uma vez ele diz o que eles sempre dizem. Alguém volta de férias: “Como foi nas férias?”.

EVA: Maravilhoso. Foi maravilhoso nas férias.

ROBERT: Começou agora também. “Maravilhoso”. Isso eles sempre dizem: “Como foi nas férias”? “Foi maravilhoso nas férias.”

EVA: (para Robert): Você pode parar com essa merda?

JUDITH: Não foi maravilhoso?

ROBERT: Foi sim. Oi Judith! Mas vocês querem saber mesmo? Querem que a gente ligue o projetor e exiba dois mil slides?

SEBASTIAN: Vocês trouxeram um projetor?

EVA: Como... Trazer?

ROBERT: Além do que, não podemos mostrar slides porque a luz está cortada.

JUDITH: Eu estava me perguntando... Por que vocês estão aqui no escuro?

SEBASTIÃO: Isso! Acende a luz!

ROBERT: (a Sebastian): “acende a luz!”, “acende a luz!” Sim, acende você a luz.

EVA: Robert não pagou a conta.

ROBERT: “Robert não pagou a conta, Robert não pagou a conta”.

EVA: Você pagou a conta? Eu já teria servido café, mas a máquina está sem energia.

ROBERT: Porque Robert não conseguiu pagar a conta. E ninguém disse nada sobre o aviso.

SEBASTIAN: Com certeza não é tão grave.

(Sebastian se levanta e acende a luz).

EVA: Oh, como é que você...?

SEBASTIAN: Assim.

(Ele mostra, desliga e liga a luz).

Isso é um interruptor, e se você aperta assim...

ROBERT (imitando Sebastian, murmurando como um idiota): Sério? Um interruptor? Clic, clac. Que loucura.

JUDITH: Porque Robert deveria ter que pagar a conta de luz?

ROBERT: Sim, exato, por quê?

SEBASTIAN: O que eu queria saber... É verdade? Lá existem realmente tantos caracóis debaixo d'água?

ROBERT (sóbrio): Caracóis.

EVA: Na sua maioria, pretos.

SEBASTIAN: E os nativos os jogam na churrasqueira?

EVA: Eles caminham ao longo da praia e os vendem dentro de cestas.

JUDITH: Talvez vocês queiram um café?

EVA: Como?

ROBERT: Sim, agora que a eletricidade anda tão bem.

EVA: Vou fazer um, rapidinho.

JUDITH: Você não precisa, já vou. Sebastian, meu tesouro?

SEBASTIÃO: Com leite.

JUDITH: Claro.

SEBASTIAN e Judith (em uníssono): E duas colheres de açúcar.

(Eles riem).

SEBASTIAN: E um tal biscoito ao lado.

ROBERT: Para mim, sem açúcar, por favor.

EVA: Você não quer se levantar e ajudar a Judith?

ROBERT: E Você, não quer se levantar e ajudar a Judith?

SEBASTIAN: Eu, de qualquer maneira, não quero me levantar e ajudar a Judith.

(Ele ri).

No caso de alguém querer saber.

EVA: O sol dos trópicos afetou a cabeça do Robert, ele se reduziu ao nível de uma criança de três anos, agora é a idade das birras.

ROBERT: Uma graça, não é? Nosso Robertinho.

(Ele chupa o dedo. Judith olha para ele).

JUDITH: Então, para você, sem açúcar. Eva?

EVA: Tanto faz.

JUDITH: "Tanto faz", não temos.

EVA: Do mesmo jeito que o seu, então.

JUDITH: Eu não vou beber.

EVA: Então, você fica sentada e eu vou.

(Quer se levantar).

JUDITH (sem senso de humor): Nem pensar. Enquanto você estiver debaixo do meu teto, eu sou responsável pelo café.

(Eva ri).

EVA: Essa é boa!

(Judith olha para Eva, ri também, e vai para a cozinha).

SEBASTIAN: Então, e o mundo subaquático?

EVA: Tira o seu dedo da boca, Robert.

ROBERT: O mais bonito foi um pássaro mergulhador, e as bolhas de ar saindo da sua plumagem. Um movimento de elegância inimitável, coreografado com precisão.

SEBASTIAN: Vocês mergulham nos recifes e o mais belo que você vê é um pato?

(Na cozinha, vários copos caem no chão de azulejo e quebram).

EVA: Agora ela quebrando toda a louça.

SEBASTIÃO: Você esta bem querida?

JUDITH (da cozinha): Nada demais. De qualquer forma, eles eram horríveis.

EVA: Ah, é mesmo?

SEBASTIAN: Ela nunca gostou desse jogo. Agora ela joga peça após peça no chão para comprar outro. Quem colocou a planta ali?

EVA: Sim, isso. Que planta é essa?

SEBASTIAN: Ela deveria estar na cozinha.

(Judith volta da cozinha com fragmentos de porcelana na pá de lixo).

JUDITH: Precisamos falar com a empregada, urgente.

SEBASTIÃO: O que aconteceu?

JUDITH: Eu não acho as lixeiras. Vocês podem imaginar isso?

EVA: Embaixo da pia, a tampa levanta quando você abre a porta.

JUDITH: Deveria, não é? Mas a empregada jogou a lixeira fora. Ela joga todas as lixeiras fora. Ela acha que elas são lixo. Com licença.

(Ela empurra com energia os fragmentos de porcelana embaixo do sofá).

EVA: Judith? O que você está fazendo?

ROBERT: Ela está empurrando os pedaços pra debaixo do sofá.

EVA: Eu vi isso.

ROBERT: Por que você pergunta, então?

EVA: Foi uma pergunta retórica, Robert, porque eu estou chocada.

(Ela põe a mão embaixo do sofá e puxa um monte de lixo para fora, parte dele escondido em sacos de plástico).

JUDITH: O que eu posso fazer nessa situação de emergência?

EVA: Você joga toda a sujeira simplesmente embaixo do sofá?

ROBERT: Eva, isso é óbvio: Ela joga toda a sujeira simplesmente embaixo do sofá. Por que você faz perguntas estúpidas o tempo todo?

EVA: Cala a boca, Robert. Eu não sei vocês, mas eu vou tirar isso daqui.

(Ela quer remover o lixo).

JUDITH: Deixa. Você não precisa remover o nosso lixo.

EVA: Também acho. Mas aparentemente...

SEBASTIÃO: É só por causa da empregada; porque ela joga as lixeiras fora.

JUDITH (para Sebastian): Foi você que colocou a planta ali?

SEBASTIAN: Eu não, eu me pergunto mesmo.

JUDITH: Ela deveria estar na cozinha.

EVA: Na verdade não.

JUDITH: Não?

EVA: Na verdade ela não pertence a este apartamento de jeito nenhum.

JUDITH: Você acha?

ROBERT: Eu sei!

EVA: O quê? O que você sabe?

ROBERT: O lixo!

EVA: O que tem ele?

ROBERT: É por isso que aqui fede a mofo.

JUDITH: Ah, mesmo?

SEBASTIAN: Você tem a impressão que fede a mofo?

ROBERT: Sim. Já ao entrar. Não foi o que eu disse, Eva?

EVA: O que você disse, Robert? Você me enerva.

ROBERT: Passei pela porta e falei: Jesus, como fede aqui, um fedor como...

EVA: Como o que? Robert, você está falando lixo.

ROBERT: Sim, o lixo! É o que eu digo.

JUDITH: Na sua opinião, o apartamento fede?

ROBERT: Sim, cheire você mesmo uma vez.

SEBASTIÃO: É por isso que você colocou a planta ali?

ROBERT: Eu não mexo com plantas, isso é com a Eva.

SEBASTIAN: Para ela dispersar um cheiro agradável aqui, ou o quê?

JUDITH: Robert, a planta não tem flor. Ela não tem cheiro.

SEBASTIAN: Nenhum?

ROBERT: Esqueçam por um momento a planta. O que fede aqui é, sem dúvida, o lixo, porque vocês o jogam embaixo do seu sofá.

EVA: Robert, não é o sofá deles é o nosso sofá.

ROBERT: Ah, Eva...

EVA: Sim, Robert?

ROBERT: Eva, o que realmente me interessa: Você não acha que chegou a hora de agradecer?

EVA: Agradecer a você? Por quê?

ROBERT: Você não quer agradecer a Judith e o Sebastian por terem regado suas plantas?

(Judith e Sebastian acham engraçado e riem).

EVA: É uma piada ou o quê?

ROBERT: Não.

EVA: Eles quebram as louças, leem nossas correspondências, colocam o lixo embaixo do nosso sofá e trocam as plantas. Por que eu deveria agradecê-los?

ROBERT: Mas justamente as correspondências eles não leram. Vocês leram nossas correspondências?

EVA: Onde, por exemplo, está o meu manjeriço?

SEBASTIAN: Eu estou cansado. Querida, acho que vou tirar uma soneca.

EVA: Vocês deixaram secar o meu manjeriço?

JUDITH: Não nos interpretem mal! Foi um dia cansativo, já que nós não estávamos de férias como vocês, né? Talvez seja melhor vocês voltarem para nos ver outro dia.

SEBASTIAN: Quando quiserem, com projetor de slides, caramujos e todos os detalhes. Mas, hoje...

JUDITH: Hoje realmente, já é um pouco tarde.

SEBASTIAN: Sem ofensa, ok? Vocês querem que eu chame um táxi?

EVA: Um táxi?

JUDITH: Sim, querido, boa ideia.

EVA: Não queremos um táxi.

SEBASTIAN: Então...

EVA: Pra quê...

(Sebastian dá dois beijos nas bochechas de Eva, tapas amigáveis no ombro de Robert).

SEBASTIÃO: (a Judith): Vou tomar um banho.

(Sai).

JUDITH: Vou apenas arrumar a porcaria na cozinha, depois vou para cama também, meu tesouro.

(Para Eva e Robert:) Vocês conseguem sair sozinhos, não é? (Beija as bochechas dos dois. Judith vai com a pá na mão para a cozinha. Nada).

ROBERT: Então, vamos?

EVA: Para onde ele foi agora?

ROBERT: Para o banheiro. Para a cama. Sei lá.

EVA: Mas...

ROBERT: Hm?

EVA: Não é a nossa cama?

(Robert não sabe e encolhe os ombros).

Não somos nós que deveríamos dormir nessa cama?

ROBERT: Prece que não.

EVA: Sim, mas eu me pergunto...

ROBERT: Eu sei exatamente o que você quer dizer. Mas parece que...

(Ele olha ao redor, aproxima-se do interruptor, acende e apaga a luz algumas vezes).

EVA: Eu não conheço essa planta.

ROBERT: O que eu não entendo...

(Ele olha a mesa do sofá).

EVA: E também tínhamos um gato.

ROBERT: Ela não tinha um tampo de vidro?

EVA: Onde ele está? Moritz. Listrado como um Tigre. Com sua tigelinha na cozinha.

ROBERT: Essa Mesa. Todas às vezes, comendo amendoim, quando tínhamos visita, eu observava meus pés embaixo do vidro. Não?

EVA: Ou ele foi atropelado por um carro?

(A campainha toca. Os dois não sabem o que fazer. A campainha toca de novo. Sebastian entra nu, secando seu cabelo, olhando pela janela).

SEBASTIÃO: O seu táxi.

JUDITH (chamando): Você abre, querido?

(Percebe Eva e Robert e se assusta).

JUDITH: Jesus, que susto!

ROBERT: Desculpe.

JUDITH: O que vocês estão fazendo aqui?

EVA: Já estamos indo embora.

SEBASTIAN: Eles já estão quase indo embora.

ROBERT: Já estamos indo embora. Olha, estou agora pegando as malas.

(Ele pega as malas. A campainha toca novamente).

EVA: Já estamos indo embora.

JUDITH: Ai! Que susto.

ROBERT: Embora.

EVA: Embora.

(Eles saem. Judith precisa-se sentar. Robert retorna mais uma vez com as malas).

JUDITH: Sebastian?

ROBERT (com Judith, quase em uníssono): Sebastian?

SEBASTIAN: Sim, querida?

ROBERT: Sebastian, eu esqueci de dizer: Você está sem roupa.

SEBASTIÃO: É mais prático, quando você toma uma ducha.

ROBERT: Entendo.

(Ele quer sair. Volta de novo).

ROBERT: Você acabou de me chamar de querida?

SEBASTIAN: Não, Robert.

ROBERT: Ah, tudo bem.

(Sai).

JUDITH: Ele já foi embora?

SEBASTIAN: Sabe o que ficou claro para mim agora?

JUDITH: Eu me assustei tanto. Eu saí da cozinha e eles dois estavam ali no meio da sala. Como dois assassinos. Eu gosto deles, mas quando eles aparecem de repente, sem avisar, eu fico com vontade de exterminá-los.

SEBASTIAN: Isso é totalmente normal. Mas você sabe o que ficou claro para mim agora?

JUDITH: Você acabou de entender alguma coisa?

SEBASTIAN: Sim

JUDITH: Não quer vestir alguma coisa primeiro?

SEBASTIAN: Não. Eu acabei de descobrir a fórmula para a evolução da vida na sua totalidade. Tomando banho.

JUDITH: Me explica, parece muito interessante. Mas, por favor, veste alguma coisa.

SEBASTIAN: Provavelmente, os seres vivos como nós os conhecemos, não foram nem um pouco criados por Deus.

JUDITH: Não?

SEBASTIAN: Não. Eles evoluíram ao longo de milhões de anos através de defeitos genéticos.

JUDITH: Malformações?

SEBASTIAN: Imagine que, originalmente, os homens tinham apenas um olho,... Que era suficiente, ...Você conseguia ver tudo. Mas de repente nasce um ser malformado, com dois olhos. Todo mundo pensa: eca! Mas o malformado é capaz de ver mais e perceber o Tigre Dente de Sabre antes de todos os outros. Então, o malformado foge, e os normais, de um olho só, são comidos.

JUDITH: Pelo Tigre Dente de Sabre.

SEBASTIÃO: É um exemplo, o Tigre Dente de Sabre. O malformado copula com outro malformado de dois olhos...

JUDITH: Que também sobreviveu ao Tigre Dente de Sabre...

SEBASTIAN: Exatamente, porque todos os de um olho só foram comidos, e por causa disso, agora todos nós temos quatro olhos.

JUDITH: Quatro olhos?

SEBASTIAN: Exatamente, dois e dois.

(Judith olha. Sebastian se corrige).

Dois olhos, por causa disso, agora temos dois olhos, todos nós.

JUDITH: Você quer dizer, que na realidade, somos todos malformados?

SEBASTIAN: Sim, isso não é fantástico? Aconteceu algo, como um teste de elenco enorme. Através da morte e do sexo. A morte escolhe quem vai embora, e o sexo, quem vai para a próxima rodada. Nós somos o que somos pela morte e pelo sexo.

JUDITH: Ah, é?

SEBASTIAN: Morte e sexo. O que você achada minha teoria?

JUDITH: Mas, Sebastian...

SEBASTIAN: Eu sei que é difícil de aceitar, que você não foi criada por Deus no Jardim do Éden, e que seu avô é um macaco...

JUDITH: Sebastian, essa teoria já existe.

SEBASTIAN: Não.

JUDITH: Isso é Darwin.

SEBASTIAN: Quem?

JUDITH: Seleção natural. Assim se chama o grande teste de elenco.

SEBASTIAN: Não, não, isso me ocorreu agora. No chuveiro. Quem escapa da morte, tem sexo...

JUDITH: Eu já entendi a ideia. Ela é do Darwin. Não é sua.

SEBASTIAN: Por que você sempre diz Darwin? É genética, morte e sexo, é um programa de otimização global. E o incrível é que todos nós compartilhamos, quando... (ele movimenta o quadril) você sabe...

JUDITH: Eu sei. Todos nós sabemos isso, desde o meio do século XIX.

SEBASTIAN: Eu não. Só sei disso há apenas alguns minutos.

JUDITH: Evolução.

(Sebastian olha para ela).

JUDITH: A Origem das Espécies. Evolução.

(Sebastian olha para ela).

Chama-se evolução. O que você descreve... Existe um termo fixo para isso: Evolução.

SEBASTIAN: Palavras estrangeiras ou o quê? É chamado de Revolução.

JUDITH: Bem. Não importa. De qualquer forma, meu avô não era um macaco.

SEBASTIAN: Frustrante. Você é tão frustrante.

JUDITH: Talvez você possa pensar em algo novo, quando você for tomar banho de novo. Quero dizer, algo realmente novo.

SEBASTIAN (deprimido): Pff.

JUDITH: Ou vestir uma coisa finalmente? Você parece um pouco desajustado.

(Sebastian procura suas roupas e começa a vestir).

SEBASTIAN: Antigamente tudo isso era coberto com pelo. Mas depois, não era mais sexy para a reprodução sexual e, então... Deixa pra lá. Aliás, falando em reprodução, onde está Robert?

JUDITH: Ele não está no seu quarto?

SEBASTIAN (chama): Robert?

(Nada).

Há muito tempo ele deveria estar aqui.

JUDITH: Talvez ainda esteja no judô.

SEBASTIÃO: Há esta hora?

JUDITH (lembra-se de alguma coisa): Ih, eu acho que ele tinha uma competição hoje.

SEBASTIAN: Foi hoje?

JUDITH: Um de nós talvez devesse ter ido.

SEBASTIAN: Achei que fosse no fim de semana.

JUDITH: Pelo menos vamos procurá-lo.

SEBASTIAN: Deixa a babá fazer isso.

JUDITH: A babá? Ela também tem um nome.

SEBASTIAN: Então?

JUDITH: Você poderia fazer um esforço para lembrar.

SEBASTIAN: Por quê? Em alguns meses ela vai embora e eu vou precisar gravar o próximo nome.

JUDITH: Diga. Qual é o nome dela?

SEBASTIAN: Não faço ideia. Qual é o nome dela então?

JUDITH: Você está brincando?

SEBASTIAN: Não. Me fala agora.

JUDITH: Você realmente esqueceu o nome da menina?

SEBASTIAN: Ela não é mais uma menina, é uma jovem mulher.

JUDITH: Ah, isso sim você notou!

SEBASTIAN: Mas então, qual é o nome dela, finalmente?

JUDITH: Inacreditável. Pense um pouco.

SEBASTIAN: Anna.

JUDITH: Não.

SEBASTIAN: Quase todas as mulheres se chamam Anna.

JUDITH: Ela não.

SEBASTIAN: Então, qual é o nome dela? Nem mesmo você sabe.

JUDITH: Claro que eu sei qual é o nome da nossa babá.

SEBASTIAN: Você não tem ideia.

JUDITH: Ela é uma menina bonita, com boas maneiras, fala português fluentemente...

SEBASTIAN: E o nome dela é? Hm?

JUDITH: Ela se chama... Ela também sabe cozinhar, e não apenas macarrão com molho de tomate.

(Eva entra como babá. Robert está de mãos dadas com ela. Ele é um menino de aproximadamente oito anos. Eva carrega uma grande bolsa esportiva).

SEBASTIAN: Eva, onde você estava todo esse tempo com o menino?

EVA: Boa noite, Sra. Eckels, boa noite, Sr. Eckels. Como vocês estão?

JUDITH: Bem.

EVA: Fico feliz. Estou bem.

JUDITH: Bem, por que vocês estão chegando tão tarde?

EVA: Oh, me desculpe.

JUDITH: Por quê! Eu fiz uma pergunta de "por quê".

EVA: Esta noite foi a prova para o oitavo Kyu, o Hachi kyu-branco-amarelo, na Associação Desportiva de Pindamonhangaba.

SEBASTIAN: E, Robert? Onde está a faixa?

(Robert começa a chorar).

EVA: Robert foi desclassificado por uma grave violação das regras.

JUDITH: O quê? Robert, o que você fez?

(Robert chora).

SEBASTIÃO: O que você fez?

JUDITH (ainda chocada): Grave violação das regras!

EVA: Apesar de repetidos avisos, Robert Eckels continuou a atrapalhar a atenção dos competidores e dos juízes com sua tagarelice constante. E assim, ele perturbou o desenvolvimento regular da competição.

JUDITH: Tagarelice constante? O menino nunca fala!

SEBASTIAN: Robert, diz alguma coisa.

JUDITH: Por que ele nunca fala?

EVA: (para Robert): Vamos lá, Bobby, não é tão ruim, vai, vai.

(Ela levanta Robert no colo e acalma ele, Robert chupa dedo).

JUDITH: Parece que ele está se sentindo muito bem com ela.

SEBASTIAN: Isso é normal, não é?

EVA: Como?

JUDITH: Parece que ele está se sentindo muito bem com você.

EVA: Não é?

JUDITH: Robert, não quer vir pra mim?

(Robert, ofendido, faz não).

SEBASTIÃO: (a Judith): É a idade. Nessa idade eles agarram a saia.

JUDITH: De que saia você está falando agora?

EVA: Não é nada pessoal..., ele mal conhece a senhora.

JUDITH: Você está exagerando. Eu o vejo sim de vez em quando.

EVA: Então, quando você viu ele pela última vez?

JUDITH: No café da manhã? Não?

EVA: E o que ele tomou?

JUDITH: Não faço ideia. Aveia?

EVA: Ele não é um cavalo.

JUDITH: Sou uma mãe ruim por isso?

EVA: Mãe de quem?

JUDITH: Porque eu não consigo repetir a lista correta dos Ingredientes do seu café da manhã?

EVA: Ingredientes.

JUDITH: O quê?

EVA: Ingredientes. Com um i. Ingredientes.

SEBASTIAN: Mas ele cresceu. Você não acha?

JUDITH: Desde quando?

SEBASTIAN: Desde que você viu ele pela última vez. Estamos orgulhosos e fazemos listras na moldura da porta.

JUDITH: Estou me perguntando agora: Antigamente isso também funcionava sem babá, ou não?

EVA: Eu nunca daria o meu filho para uma babá.

JUDITH: Ah, mesmo? Faz mal, ou o quê?

EVA: Você nunca sabe... Se ela fica sentada de um lado da pracinha enquanto o seu filho cai de um balanço, ou se ela injeta qualquer droga de merda no braço.

JUDITH: Você faria isso?

EVA: Eu mesma cuido do meu filho. São os deveres de uma mãe, que não podem ser delegados. Caso contrário, você percebe um lindo dia que o seu filho é um adulto e que você nem o reconhece.

SEBASTIAN: Isso é normal, não é?

JUDITH: Sebastian, não consigo me lembrar, quando nós contratamos essa garota como "Au pair". Houve uma entrevista ou algo do tipo?

SEBASTIÃO: Aliás, o que significa "Au pair"?

JUDITH: Ela é tão impertinente.

SEBASTIAN: Mas é bonitinha.

EVA: "Au Pair", é francês e significa "mútuo".

JUDITH: Então você acha que essa garota é bonitinha?

SEBASTIAN: Ela é. Você não acha?

(Judith encolhe os ombros).

Olha para ela.

JUDITH: Sebastian, eu sei que é ridículo, mas você tem um caso com a Au Pair?

EVA: Eu já disse, não temos uma Au Pair?.

JUDITH: Isso é certo! Certamente nunca teria contratado você.

EVA: Eu? Pra quê?

JUDITH: Para cuidar do menino.

EVA: Que menino?

JUDITH: Ele aqui, qual é seu nome?

EVA: Você está tentando desviar a atenção do fato de que você está perdendo a cabeça?

SEBASTIÃO: (a Judith): Talvez eu possa oferecer uma cachaça?

JUDITH: Uma cachaça?

SEBASTIAN: Você parece um pouco perturbada.

JUDITH: Sim, porque, esse menino aqui... Sebastian, você tem certeza que é o nosso menino?

EVA: Vou trazer uma cachaça para a senhora.

(Faz).

JUDITH: O que mais eu quero? Eu não consigo me lembrar desse menino.

SEBASTIÃO: Talvez porque ele tenha crescido?

JUDITH: Qual é o seu nome, garoto?

ROBERT: Parplürlpnerlpraul.

JUDITH: Sebastian, o que esse menino diz?

(Sebastian está olhando para Judith).

ROBERT (repete o mesmo): Parplürlpnerlpraul.

JUDITH: Menino, eu não entendo você.

(Para Sebastian) Você entende o que ele diz?

SEBASTIAN: Mas é claro, ele diz: Parplürlpnerlpraul.

(Eva está de volta com a bebida).

EVA: Eu acho que ela o viu pela última vez no Réveillon, quando permitimos que ele saísse um pouco de pijama para assistir os fogos.

JUDITH (referindo-se a bebida): O que eu faço com isso?

EVA: Bebe.

(Judith olha para Eva).

Bebe. Assim.

(Ela mostra, bebe a cachaça ela mesma).

SEBASTIAN: Robert, você se lembrada Judith Eckels?

(Robert, ofendido, balança a cabeça).

JUDITH: Tá bem, não importa. Ele era ainda muito pequeno.

SEBASTIÃO: (para Robert): Agora, diga finalmente. O que aconteceu hoje no judô?

(Robert agarra Judith e a joga com técnica profissional no chão).

EVA: Isso já é muito bom.

SEBASTIAN: Eu preciso dizer: Não entendo porque eles não te deram o cinto.

JUDITH: Com licença?

EVA: Tecnicamente, ele já é muito avançado, eu acho.

SEBASTIAN: Tinha uma certa elegância. Olha Robert, vou te dar meu cinto.

(Ele tira o cinto e dá para Robert. Robert sorri mais do que feliz).

ROBERT: Mesmo, pai?

SEBASTIAN: Ah, nós não estamos nem aí para os juízes!

ROBERT: Obrigado, pai.

(Ele coloca o cinto).

SEBASTIAN: Agora minha calça está caindo.

(Eva o abraça, segurando a calça).

EVA: Você é um pai tão bom. Vou te servir como suspensórios.

(Ela o beija por muito tempo. Judith se levanta e arruma suas roupas).

JUDITH: Realmente, foi muito divertido com vocês.

(Eva e Sebastian se beijam).

(O beijo continua).

Então eu vou.

(Beijo).

Tchau.

(Beijo).

Eu disse "Tchau".

(Beijo).

(Para Robert) Tchau, seu coisinha.

ROBERT: Nós vamos nos encontrar de novo.

JUDITH: Ah, sim?

(Eva e Sebastian param de se beijar e escutam Robert).

ROBERT: Não importa onde você se esconda, nos desertos de concreto das metrópoles ou na vastidão da savana, sinto você no meu corpo, cheiro o medo.

JUDITH: Bem, então. De qualquer maneira, todo mundo sempre volta.

(Ela vai).

EVA: Também sinto o cheiro.

SEBASTIAN: Sim. Algo cheira mal aqui.

EVA: Mas apesar disso, parece bonitinho aqui.

SEBASTIAN: Não tão grande como nas fotos.

EVA: Essa Planta também não foi mostrada.

SEBASTIÃO: (para Robert): E você, já deu uma olhada em volta?

EVA: O quarto de crianças é lá em cima, disse a descrição.

ROBERT: Eu quero esquiar.

SEBASTIAN: Amanhã. Hoje é tarde demais.

ROBERT: Mas eu quero esquiar agora.

EVA: O teleférico já está fechado.

SEBASTIAN: Olha, e também está escuro demais.

EVA: Venha, vamos ver onde está a banheira.

ROBERT: Sempre vocês que determinam as coisas.

SEBASTIAN: Algum dia, você também terá filhos e então você poderá determinar as coisas.

ROBERT: "Algum dia, algum dia". Tudo é sempre algum dia ou amanhã. Eu quero agora.

EVA: Agora só a banheira. Venha.

ROBERT: Há semanas vocês não falam em outra coisa: Nós vamos esquiar! Vamos apenas dormir e acordar mais cinco vezes e depois vamos esquiar. Faça seus deveres de casa, depois vamos para Bariloche para esquiar. E agora estamos aqui e o quê? Nada. Banheira chata. É tudo uma sacanagem, uma fraude de merda.

EVA: Está bem agora!

ROBERT: Não está nada bem. Mal, muito mal. São sempre vocês que dizem o que é agora. Eu sou seu escravo.

EVA: Eu vou começar a chorar.

SEBASTIAN: Agora chega! Você vai fazer o que a sua mãe diz. Fim de papo.

ROBERT: Vocês são tão nazistas.

EVA: Somos o quê?

ROBERT: Nazistas. Quero esquiar.

SEBASTIAN (levanta o dedo): Ó, ó, ó. Isso não é brincadeira.

ROBERT: Pais nazistas.

EVA: Que isso! Quem fala assim?

ROBERT: Eu. Nazistas! Vocês estabeleceram um regime totalitário para me oprimir.

EVA: Para a cama agora. Isso realmente é o limite.

ROBERT: Sim, meu Führer.

(Saudações de Hitler).

EVA: Então, sem banho.

(Ela puxa Robert, que está furioso, para fora).

ROBERT (protestando): Pais nazistas de merda! Fascistas de bosta, sujos, nazi- fascistas de merda...

(Gritando de fora) Esquiar!

SEBASTIÃO (à audiência): Bem, me desculpe, por essa cena feia. Claro, você imediatamente pensa: “O que deu errado aqui? De onde vem isso? Por que essa criança se comporta assim?” É muito chato. Conflito de gerações... Já vimos mais de mil vezes, e de repente uma coisa dessas acontece na sua própria família... Vocês não acreditam que bebê mais fofinho ele era antigamente. Que vergonha, é realmente embaraçoso.

(Eva volta).

EVA: O que você está fazendo aqui?

SEBASTIAN: Estou me distanciando do nosso filho... Tenho vergonha de Robert.

EVA: Com quem você está falando?

SEBASTIAN: Achei que ouvia vozes aqui, então, preferi me desculpar.

EVA: Você está fazendo um monólogo aqui?

SEBASTIAN: Não chamaria isso de monólogo.

EVA: Nós combinamos que não faríamos mais monólogos.

SEBASTIAN: Era apenas um, muito pequenininho. Curto.

EVA: Nós não falamos com terceiros. Basta imaginar que aqui tem uma parede. Entende? Aqui é fechado. Você não quer estar em pé sozinho no quarto, conversando com a parede, não é?

SEBASTIAN: Não.

EVA: Isso foi um comportamento anormal. E você não quer isso, certo?

SEBASTIAN: Não, claro que não.

EVA: Bem. Que bom que isso ficou claro agora.

SEBASTIAN: Muito claro.

EVA: Então eu vou voltar agora lá para cima e vou dar um banho no nosso filho.

SEBASTIAN: Vai lá.

EVA: Você tem tudo sobre controle aqui?

SEBASTIAN: Completamente sobre controle.

EVA: Mais cedo ou mais tarde, a porta vai abrir e alguém vai entrar de novo, com quem você pode falar. Isso sempre foi assim, até agora. Por isso eles construíram esta porta aqui.

SEBASTIAN: Não se preocupe.

EVA: Bem, meu tesouro.

(Ela sai. Sebastian fica em pé no meio da sala um pouco perdido. Ele desliga e liga a luz. Ele indica e adereça-se à quarta parede).

SEBASTIAN (diz): Parede.

(Ele olha a porta e aguarda).

SEBASTIAN: Eu também posso cantar alguma coisa.

(Ele canta alguma coisa. A porta se abre, Judith entra).

JUDITH: Boa noite.

SEBASTIAN: Boa noite.

JUDITH: Vocês chegaram bem?

SEBASTIAN: Muito bem, obrigado.

JUDITH: Vocês fizeram uma boa viagem?

SEBASTIAN: Tudo bem.

JUDITH: E aqui? Você está satisfeito com tudo?

SEBASTIAN: Acabamos de chegar, mas até agora, está tudo bem.

JUDITH: Gostamos assim. Sem reclamações.

SEBASTIAN: Exato. Apenas um cheiro, um pouquinho estranho quando você entrou.

JUDITH: Fede?

SEBASTIAN: Se você quer dizer assim.

JUDITH: Algo como carniça?

(Sebastian olha).

Podre, em decomposição?

SEBASTIAN: Em decomposição?

JUDITH (faz sim): Tudo bem. E o resto?

SEBASTIAN: O resto?

JUDITH: Além disso.

SEBASTIAN: Nada. Eu nem sei por que estou tão nervoso.

JUDITH: O quarto de crianças, vocês encontraram?

SEBASTIAN: Sim, em cima.

JUDITH: Banheiro?

SEBASTIAN: Também em cima, parece.

JUDITH: Bem. Só queria dar uma olhada. Verificar que tudo está em ordem.

SEBASTIAN: Sim, obrigado, tudo está exato aqui.

JUDITH: Onde?

SEBASTIAN: Em ordem. Como você disse.

JUDITH: Eu disse isso?

SEBASTIAN: Tudo em ordem.

(Nada).

JUDITH: E tudo em ordem?

SEBASTIAN: Tudo está em ordem. Um pouco de nervosismo, mas apesar disso: esquiar Heil!

JUDITH: Como?

SEBASTIAN: Esquiar Heil!. Eu não sei por que você disse isso.

JUDITH: Eu?

(Sebastian olha).

Eu tinha dito isso?

SEBASTIAN: Sim, você! Esquiar Heil! É o que você disse.

Não? O quê? Eu. Exato. Eu. Eu disse isso.

JUDITH: Tem certeza de que tudo está em ordem?

SEBASTIAN: Claro, claro.

(Nada).

JUDITH: Lençóis, vocês também encontraram?

SEBASTIAN: Minha esposa...

(Sebastian olha).

JUDITH: O que há com sua esposa?

SEBASTIAN: Os lençóis... Minha esposa... Eu acho que eu preciso vomitar.

JUDITH: O banheiro...

SEBASTIAN: Não, não já melhorou.

JUDITH: Bem. Eu só queria ver se as coisas estavam direitas.

SEBASTIAN: Direita?

JUDITH: Sim. Direita, esquerda, direita. Mas parece que aqui está tudo em ordem.

SEBASTIAN: Esquerda, direita... O que me interessa muito...

JUDITH: Sim?

SEBASTIÃO: O que está no pacote?

JUDITH: Que pacote?

SEBASTIAN: Aqui, tem um pacote em cima da mesa. Olha!

JUDITH: Você já abriu e olhou por dentro?

SEBASTIAN: Até agora não.

JUDITH: Então, é claro, que você não pode saber o que tem dentro.

SEBASTIAN: Não.

JUDITH: E eu também não.

SEBASTIAN: Não.

JUDITH: ...não sabemos o que tem dentro.

SEBASTIAN: Não. Oh, meu Deus, nós não sabemos.

JUDITH: Derruba!

SEBASTIÃO: O quê?

JUDITH: Da mesa. Basta derrubá-lo da mesa.

(Eva entra. Na mão ela segura uma faca de decoração feia).

EVA: Eu acho que aqui tem uma coisa muito fora de ordem.

JUDITH: Boa noite.

EVA: É Você?

JUDITH: O quê?

EVA: Você é a proprietária deste apartamento?

SEBASTIAN: Eva, porque você se comporta de maneira tão horrível?

EVA: Este apartamento fede.

SEBASTIAN: Sim. Mas é só abrimos a janela um pouquinho.

EVA: Este apartamento fede por dentro, está podre até a alma.

JUDITH: Alguma coisa que não é da sua satisfação?

EVA (se referindo à faca): O que é isso?

JUDITH: Este é um elemento decorativo.

EVA: Elemento decorativo.

JUDITH: Sim, algo que você pendura na parede, para deixar o apartamento com um toque mais íntimo.

EVA: Há uma suástica muito íntima como gravura.

JUDITH: Ah, mesmo?

EVA: Sim, aqui olha.

(Judith dá uma olhada).

JUDITH: Que coisa. Eu não tinha consciência disso.

EVA: Ah, não. Isso é um punhal nazista.

JUDITH: Tá bom, relaxa.

EVA: Nada de "Tá bom"! Por que isso fica pendurado na sua parede?

JUDITH: Só porque tem a gravura de uma suástica, não é necessariamente um punhal nazista.

EVA: O que é então?

JUDITH: Isso é uma suástica. É um símbolo hindu solar.

EVA: Mas isso não parece, nem um pouco, asiático.

JUDITH: É um símbolo de boa sorte, não há motivo nenhum para você ficar histérica.

EVA: Isso é exatamente igual ao lixo que os homens da SS recebiam como condecoração.

JUDITH: A senhora é muito bem informada. Parece que a senhora mesma está ativa em círculos militantes.

EVA: Sebastian, eu não quero morar na casa de nazistas.

SEBASTIÃO: Também não tinha nada mencionado sobre isso na descrição. Ela dizia: "ambiente confortável". Não falava nada sobre espelunca de nazistas.

JUDITH: Vocês estão exagerando.

SEBASTIAN: Isso deveria ter sido mencionado antes, eu acho. Então, podemos reagir de acordo.

JUDITH: Por que tudo sempre é imediatamente "nazista"? Uma faquinha tão insignificante...

(Robert está descendo. Vestindo um uniforme nazista da cabeça aos pés).

ROBERT: Heil Hitler!

EVA: Robert!

ROBERT: Achei no armário onde estava escrito "privado".

JUDITH: Foi acordado, por escrito, que vocês não devem abrir o armário.

EVA: E? Isso também é um uniforme Hindu solar?

(Para Robert:) Tire isso agora, Robert.

ROBERT: Eu acho que ficou a minha cara!

EVA: Sebastian, vamos arrumar as malas imediatamente e ir embora daqui!

SEBASTIAN: Nós ainda nem as desarrumamos.

EVA: (para Robert): Eu disse: o pijama, não o uniforme da SS! O pijama! Eu separei o pijama para você.

JUDITH: Congratulo a aparência galante do jovem camarada, mas dado que nossos armários foram arrombados e a nossa propriedade privada violada, creio que nosso contrato de aluguel está rescindido.

EVA: Ah?É assim que você distorce o assunto agora?

JUDITH: Exato, é assim que eu distorço o assunto.

EVA: Você quer sair por cima?

JUDITH: Coloco vocês na rua, praticamente.

EVA: Não ficaríamos aqui, de qualquer maneira.

JUDITH: ...sem aviso. Com um chute.

EVA: Não vou ficar nem um segundo a mais debaixo desse teto. Sebastian, venha.

JUDITH: Com efeito imediato.

EVA: Sabe o que você é?

JUDITH: Eu? Não faço ideia. Não tenho ideia do que eu seja, por favor, minha senhora, me diga você.

EVA: Você é uma cadela nazista, e eu, eu...

JUDITH: Sim, você, o que tem você?

EVA: Eu coloco você na cadeia.

JUDITH: Cadeia.

EVA: Exato. Cadeia.

JUDITH: Fora daqui! Vocês estão demitidos.

EVA: Demitidos. Ridículo. Cadela nazista!

JUDITH: Voltem para o lugar de onde vocês vieram. Nós não precisamos de vocês aqui. Nós não tínhamos convidado vocês. Arrombem em suas casas seus próprios armários, se é que vocês têm algo como armários, seus porcos, etc.

SEBASTIAN: Voltarei a entrar em contato, por causa do depósito.

EVA: Sebastian, vamos, por favor.

(Eles saem).

ROBERT: Posso?

(Ele pega o punhal e coloca em seu uniforme). O que você acha?

JUDITH: Parece um pouco excessivo.

ROBERT: Não foi minha ideia.

JUDITH: Eu não disse que você precisava se fantasiar como um oficial nazista.

ROBERT (inseguro): Não fica bem em mim?

JUDITH: Não sei. Causa associações estranhas.

ROBERT: Associações estranhas?

JUDITH: O que devo dizer. Você, simplesmente, parece com um nazista.

ROBERT: Mas isso só é uma fantasia.

JUDITH: Sim, mas será que as pessoas vão entender?

ROBERT: Aliás, quando eles vêm?

JUDITH: A qualquer momento.

ROBERT: E você?

JUDITH: Eu?

ROBERT: O que você vai vestir?

JUDITH: Jesus, Maria! Esqueci completamente.

ROBERT: Noites nórdicas.

(Robert se referindo à saia dela:) Essas dobras devem significar as luzes do norte, ou o quê?

JUDITH: O que eu faço?

ROBERT: Noites nórdicas. Não fui eu que inventei essa ideia.

JUDITH: Tenho que improvisar.

(Ela sai correndo para se vestir).

ROBERT: E você quer dizer então, que eles podem achar a minha fantasia perturbadora?

JUDITH (de fora): É bastante óbvio.

ROBERT: Óbvio o quê?

JUDITH (de fora): Nazi! Isso deixa pouco espaço para interpretação.

ROBERT: Interpretação?

JUDITH (de fora): Sim. Não deixa para as pessoas um espaço interativo, para fazerem suas próprias reflexões. Assim, como você aparece...

ROBERT: Sim?

JUDITH (de fora): ...Você vai entrar e todo mundo vai saber na hora: É claro, é o Robert, ele é um nazista.

ROBERT: Claro! Eu também não quero que os convidados se perguntem: “Será que ele é um nazista ou talvez não? É um índio?”.

JUDITH (de fora): Eu também só estou dizendo... Sua fantasia não tem absolutamente nada de um brilho ambivalente.

ROBERT: Você prefere um brilho ambivalente?

JUDITH (de fora): Não tão óbvio, pelo menos.

ROBERT: Noites nórdicas. Que besteira. Aliás, por que noites nórdicas? Noites brasileiras teria sido muito mais quente e divertido.

JUDITH (de fora): Independente disso, você poderia ir com a mesma fantasia.

(Judith aparece. Ela está disfarçada, até o último detalhe como viking, capacete com chifres, peruca com tranças loiras, colete de couro e bastão).

ROBERT: Ah sim, você tinha de improvisar.

JUDITH: É o que consegui arrumar nesse curto prazo de tempo.

ROBERT: E isso, agora, tem um brilho ambivalente, ou o quê?

JUDITH: Não é perfeito, eu sei, arrumei agora, muito rápido.

ROBERT: Não é tão flagrantemente óbvio?

JUDITH: Eu gostaria muito que você mudasse também.

ROBERT: Algo como a sua, que deixa a gente adivinhar o significado da fantasia: “Será um cowboy, ou melhor, um pirata? Algo do tipo, não é?”.

JUDITH: Gostaria muito mesmo, de não ter que andar com um namorado nazista...

(Companhia toca).

ROBERT: Bem. Então eu vou ter que improvisar. Noites nórdicas.

JUDITH: Vá em frente. Obrigado.

(Robert sai. Eva deixa Judith e Sebastian entrarem. Sebastian está vestido como um alce. Eva como vulcão com uma coroa que simboliza a erupção do vulcão, montanha cinza com lava derramando, representada pela capa).

JUDITH: Ah! Um veado e um,... Ah,... Não me diga...

SEBASTIAN: Alce.

JUDITH (se refendo a Eva): Isso? Isso não parece um alce.

SEBASTIAN: Não, eu! Eu sou o alce.

JUDITH: Ah?

SEBASTIAN: Não é veado. Alce. Eu sou o alce.

JUDITH: Ah. Um alce. Você é um alce. Noites Nórdicas, Escandinávia! Entendi. Alce.

(A Eva) E você?

SEBASTIÃO: (a Eva): Está vendo?

EVA: O quê?

SEBASTIAN: Não dá para reconhecer o que você é.

EVA: Claro que dá pra reconhecer.

SEBASTIAN: Ela acabou de te perguntar. Ela não reconheceu.

EVA: Bobagem.

SEBASTIÃO: (a Judith): Você reconhece o que deveria ser isso?

JUDITH: Falando a verdade...

SEBASTIAN: Ela não reconhece... Está vendo?

EVA: (a Judith): Ah para! Você reconhece o que eu sou.

(Judith olha a Eva).

Venha Judith, não se faça de idiota.

JUDITH: Eu não estou me fazendo de idiota, é apenas...

SEBASTIAN: Ela não reconhece, ela não se faz de idiota. Simplesmente não é nada claro o que deveria ser isso.

(Estrondo. Entra Robert. Disfarçado de esquiador: Cachecol, boné ou capacete, óculos de esquiador, luvas grossas, carregando esquis compridos no seu ombro, nos pés botas volumosas de esqui).

JUDITH: E o que aconteceu com você?

ROBERT: Noites nórdicas.

SEBASTIAN: Você. . É... Um... Esquiador? Um esquiador. Eva, isso aqui, por exemplo, é muito claro. Robert é um esquiador. Você é um esquiador, Robert?

ROBERT: Eu sou um esquiador, e você é um veado.

SEBASTIAN: Alce.

ROBERT: Claro. Alce. Escandinávia.

JUDITH: E eu sou Viking.

SEBASTIAN (se dirigindo a Eva, como se ela fosse um idiota): Ela é Viking. Noites nórdicas: Viking!

ROBERT: (a Eva): E você, você é... O que você é?

SEBASTIÃO: (a Eva): Está vendo?

EVA: Robert, o que eu sou?

ROBERT: Olá, Eva. Você é...

EVA: Hm?

ROBERT: Você é...

(Para Judith:) É isso que você queria dizer "com o brilho ambivalente"?

EVA: Eu sou o quê?

JUDITH: Não. O espaço de associação deve se abrir um pouco.

SEBASTIAN: Está vendo, Eva, não se abriu um espaço de associação.

EVA: Robert?

ROBERT: Sim, Eva.

EVA: O que sou eu?

ROBERT (inseguro, com cuidado): Rainha da Neve?

(Para Sebastian:) Ela é a Rainha da Neve?

JUDITH: Ela não parece nem um pouco com uma Rainha da Neve.

ROBERT: Não tenho a menor ideia... Você já viu uma? Quer dizer, como se parece uma Rainha da Neve?

JUDITH: Foi você que disse Rainha da Neve, não fui eu. Mas de qualquer forma, teria que ser branca com neve e coisas assim.

ROBERT: Na verdade, eu nem sei o que deveria ser uma Rainha da Neve.

JUDITH: Em todo caso, não é uma coisa assim.

SEBASTIAN: Você está ouvindo as bobagens que eles dizem? Rainha da Neve. Ninguém sabe o que você pretende ser.

ROBERT: Então o que ela pretende ser?

EVA (Em um ataque de raiva): Vocês todos são idiotas ou o quê? Até um cego consegue ver. Eu sou um vulcão. Estou entrando em erupção. Minha cabeça explode expulsando o magma incandescente para fora; aqui correm rios de lava líquida; uma nuvem enorme de fumaça ergue-se sobre a minha cratera; a terra treme e, por muitos dias uma chuva densa de cinzas vai cobrir tudo e nada vai crescer por décadas neste lugar.

ROBERT: Radioativo, ou o quê?

SEBASTIAN: Cratera? Que cratera?

JUDITH: Vulcão?

EVA: Claro! Lógico! Vulcão. Lava, cinza, pedras. Ou seja, vulcão.

JUDITH: E o que tem isso a ver com as noites nórdicas?

SEBASTIAN: Eu disse o mesmo: “Etna, é na Itália. Vesúvio, Pompéia, todos na Itália. Krakatoa, na Indonésia.”
Tudo isso é no sul. Noites do Sul, ou o quê?

EVA: Snaeffelsjökull.

(Os outros olham).

EVA (repete): Snaeffelsjökull.

SEBASTIAN: Eva? Por que você diz Snaeffelsjökull?

EVA: É na Islândia. Norte. Um vulcão na Islândia. Tá bom? Agora eu posso ficar?

ROBERT: Sim, Snaeffel, fica, fica.

JUDITH: Bebidas, alguém?

SEBASTIAN: Isso você inventou agora, essa coisa de Snaeffel.

EVA: Snaeffelsjökull! Não é culpa minha se você é subdesenvolvido geograficamente.

SEBASTIAN (dirigindo-se a Judith e Robert): Vocês conhecem isso, esse Snaeffel- sei lá o que?

EVA: Jökull, Snaeffelsjökull. O quê é? Vocês querem o que. Querem que eu vá embora? É isso o que vocês querem? Devo explodir?

SEBASTIAN: Tá bom, tá bom, eu gosto da sua fantasia. Quer dizer, da sua imaginação...

ROBERT: Agora, vamos dançar primeiro.

(Ele Coloca a música).

EVA: Vocês tem um atlas?

SEBASTIAN: Eu não sei dançar.

JUDITH: Robert sempre quer dançar. Somos quatro, Robert, isto aqui não é uma discoteca.

ROBERT: Não importa. Dança!

(Ele pega Eva e dança com ela).

JUDITH: Ele só está fazendo isso para me humilhar. Eu não sei dançar.

ROBERT: Ela não sabe dançar, mas isso não importa. Eu sei dançar.

SEBASTIAN: E eu então... Eu não sei dançar de jeito nenhum.

EVA: (para Sebastião): Dança, tesourozinho, dança.

ROBERT: Qualquer ser humano sabe dançar.

SEBASTIAN: Eu não.

JUDITH (sarcasticamente): Olha que lindo que eles se movem, que sensual. Isso é porque o Robert, Robert tem o ritmo no sangue.

EVA: Ele realmente dança maravilhosamente. Maravilhoso, Robert, como você dança!

SEBASTIAN (imitando Eva): “Maravilhoso”, Robert, ah.

ROBERT: Vai, Judith, não se faça de madame.

JUDITH: Ele me chamou de “madame”?

(Agarra Sebastian e dança com impulso forçado).

SEBASTIAN: Eu... Eu não sei dançar.

JUDITH: Não importa, façamos simplesmente.

(Dança).

SEBASTIAN: Eu sou muito infeliz.

JUDITH: Você realmente não sabe dançar.

(Robert e Eva riem de raiva).

Não rebole muito.

SEBASTIAN: Mas é a música.

JUDITH: Esqueça a música. Apenas segure.

SEBASTIAN: Assim?

JUDITH: Me pega firme. Nós estamos dançando blues.

SEBASTIAN: Mas isso não é um Fox trote animado?

JUDITH: Coloque o seu rosto no meu e sinta o calor.

(Sebastian tenta).

Você sente?

SEBASTIAN (surpreso): Hm. Como é agradável e acolhedor.

EVA: E o que eles estão dançando?

ROBERT: Judith.

(Judith e Sebastian dançam absorvidos. Buchecha a bochecha).

ROBERT: Judith, vocês estão dançando blues?

(Para Eva) Eles estão dançando blues.

(Para Judith) Judith, isto é um Fox trote animado. Para mim, você pode dançar Disco-Fox, ou Cha Cha Cha e Jive, mas Blues, não. Isto não tem nada a ver com uma dança. Isto é... Vocês estão simplesmente copulando.

JUDITH (ainda dança): Você disse alguma coisa, meu tesouro?

ROBERT: Agora nós nos chamamos de “tesouro” porque estamos brigando, ou o quê?

JUDITH: Não estou brigando, estou dançando.

EVA: Sebastian, o que você está fazendo?

SEBASTIAN (como se acordasse): Hm?

JUDITH: Há algo de inquieto e tenso por aqui.

(Judith e Sebastian param de dançar).

E se todos nós tomarmos um coquetel para relaxar?

ROBERT: Você não vai tomar nenhum coquetel e muito menos relaxar.

SEBASTIÃO: (a Judith): Posso te ajudar a misturar?

EVA: Por que você está falando assim?

JUDITH (caminha para a cozinha): Tome cuidado com seu Alce safado, eu sou uma caçadora implacável e eu tenho o meu bastão comigo.

SEBASTIAN: Eu também tenho meu bastão sempre comigo.

(Os dois vão para a cozinha).

EVA: Você ouviu isso, Robert?

(Robert desliga a música).

ROBERT (amargamente): Parece inevitável: Um casal convida o outro, e então é como uma lei natural, já que todo mundo, a princípio, está frustrado. E então, o parceiro A transa com a parceira do parceiro de B, que fica ofendido e, como castigo, encontra-se com a parceira do parceiro de A. E todo mundo acha, por um tempo, que isso seria uma fuga da gaiola do casamento burguês, mas logo eles percebem que isso realmente não os tornarão mais livres. É apenas mais um modelo de escapadela burguesa, e, de alguma forma, todos se sentem miseráveis, sozinhos e voltam com uma ressaca desagradável, já que para alcançar essa distinção rudimentar, é necessário ingerir grandes quantidades de álcool para anestesiar o seu superego. E depois, eles se sentam, ou melhor, rastejam, literalmente, com o rabo entre as pernas. E então, voltam para suas relações frustrantes e esperam desanimados a próxima fuga, legitimada com fantasias ridículas.

(Nada).

EVA: Hm.

ROBERT: Certo, ou não?

EVA: Sim.

ROBERT: Isso mesmo.

(Nada).

EVA: Então?

ROBERT: O quê?

EVA: Nós também precisamos, agora...?

ROBERT: Você quer dizer, porque é inevitável?

EVA: É. Ou não?

ROBERT: Então... Vamos...

(Eles se tocam, sem vontade e inspiração).

EVA: Por que suas mãos são tão quentes? Elas estão molhadas.

ROBERT: Eu não sei. Metabolismo.

EVA: Você tem metabolismo?

ROBERT: Sim, muito forte.

(Eles tentam um beijo. Judith e Sebastian entram com os coquetéis).

SEBASTIAN: Nós temos coquetéis. Oh!

JUDITH: Olha. Vocês estão bastante adiantados!

(Para Eva) E como ele é?

SEBASTIÃO: O quê? Eu não estou entendendo nada.

JUDITH: Alguma coisa te aborrece? É bem consistente: o esquiador que sobe até o vulcão.

SEBASTIAN: Eva, por que você está fazendo isso? Você sempre disse que achava Robert insignificante.

ROBERT: Insignificante?

EVA: Sim, não fique chateado, eu disse algo do tipo uma vez.

ROBERT: Insignificante. O que quer dizer, insignificante?

EVA: Insignificante.

ROBERT: Insignificante.

EVA: Sim, mas não se ofenda. No meu universo, você era mais como um fenômeno marginal.

ROBERT: Um fenômeno marginal.

EVA: Sim, algo que é bastante periférico.

ROBERT: Periférico.

EVA: Até agora você simplesmente não era o papel principal. Era mais como um ator coadjuvante, em um papel secundário.

ROBERT: Um ator secundário, eu entendo.

SEBASTIAN: Até agora? Mas de repente tudo é diferente no seu universo, porque de repente ele tem esquis e agora se tornou a estrela do seu cosmos, ou o que?

JUDITH: Era óbvio que se dois de nós fossemos para a cozinha, nós começaríamos a relaxar. Então, em qualquer encontro de quatro pessoas existe o swing e depois a depressão.

SEBASTIAN: Swing, aha. Isso significa que agora vamos nos sentar lá com eles e começar a nos pegar?

JUDITH (perguntam para os outros dois): Em que ponto vocês estão?

EVA: Bem, no início... No meio, certo?

ROBERT: Sim, eu diria que no meio, quase.

JUDITH: Será que ainda vale a pena entrar?

ROBERT: Vocês dois?

JUDITH: Sim, porque vocês já estão nisso há algum tempo e nós só misturamos até agora.

ROBERT: Misturaram?

JUDITH: Sim.

ROBERT (atordoado): Vocês misturaram?

SEBASTIAN: Os coquetéis.

EVA: (para Robert): Então, vamos tomar um coquetel cada um, para começar? Se você não se importar.

ROBERT: Oh, não. Não há problema, vamos começar com os coquetéis, afinal eu não era assim...

EVA: Não, nem eu.

JUDITH (referindo-se aos coquetéis). São quatro "Elephant Nose Blows".

EVA: Elefante o quê?

JUDITH: Nose Blows: Curaçao, ginger ale, vodka, suco de cranberry, limão, cana de açúcar e bacon crocante: "Elephant Nose Blows".

EVA: Parece gostoso.

(Todos se sentam e tomam os coquetéis).

JUDITH: Saúde.

ROBERT: Isso.

(Oferece).

SEBASTIAN (aprova, com um aceno de cabeça, refere-se ao coquetel): Delicioso.

EVA: Bem forte (se deliciando).

JUDITH: Hm.

ROBERT: Mais ou menos.

(Nada).

SEBASTIAN: Aliás, o que tem nesse pacote?

JUDITH: Não faço ideia. Você já olhou, Robert?

ROBERT: Não. O pacote está fechado. Ninguém abriu.

EVA: Vocês não querem abrir de uma vez?

JUDITH: Não.

ROBERT: Não. Na verdade, não.

SEBASTIAN: Eu entendo.

(Nada).

JUDITH: Bem, hum... Robert está pensando em mudar de profissão.

ROBERT: Deixa pra lá, Judith.

JUDITH: Por quê? Você não pode contar?

SEBASTIAN (totalmente surpreso): Robert! É verdade?

ROBERT: Bem. Sim, eu pensei, depois de dez anos no mesmo caminho.

EVA: Mas você ama sua profissão.

ROBERT: Bem. Sim. Não. Mais ou menos.

EVA: Você sempre foi tão feliz.

ROBERT: Não é verdade. Só dizia isso pra você me deixar em paz.

SEBASTIAN: Você foi demitido.

ROBERT: Não, não. Eu só pensei: eu tenho 40 anos e o que eu consegui?

SEBASTIAN: Bobagem. Você foi demitido.

ROBERT: Em todas as partes do mundo há pobreza, fome, guerra.

EVA: Mas não é por sua causa.

JUDITH: Eu acho bonito ele pensar assim.

ROBERT: E eu me levanto todos os dias as sete para ir ao escritório.

SEBASTIAN: Sim, mas, Robert...

ROBERT: Hm?

SEBASTIAN: Quando você não vai para o escritório, não muda nada.

ROBERT: Sabe, o que importa agora é mudar de rumo.

SEBASTIAN: E depois?

ROBERT: Como depois?

EVA: O que você quer fazer?

ROBERT: Oh. Eu não sei. Algo diferente.

JUDITH: O Robert gostaria de fazer algo com madeira.

(Nada).

SEBASTIÃO: Com madeira?

(Robert, aflito, acena com a cabeça).

ROBERT: É verdade. Eu gostaria de fazer algo com madeira.

(Nada).

SEBASTIAN: Madeira.

EVA: Bem, não é tão ruim.

SEBASTIAN: Eu sempre pensei que você queria fazer algo que tivesse a ver com pessoas.

ROBERT: Não. Não mais. Melhor não.

SEBASTIAN: Ok. Madeira.

(Nada).

Eu não acho ruim você ter sido demitido. Isso acontece. Uns são, outros não.

(Sebastian não diz nada. O coquetel é concluído, Sebastian faz barulho com o canudo).

EVA: Sebastian.

SEBASTIAN (enquanto ainda faz barulho): Hm?

EVA: Pare com isso.

SEBASTIÃO: O quê?

(SIP).

EVA: Parece catarro.

SEBASTIAN: Mas não é catarro, é cana-de-açúcar.

EVA: Você já tem cana de açúcar demais.

(Pega o copo, Sebastian fica com o canudo em sua boca. Eva pega o copo de Sebastian e vai para a cozinha).

EVA: Segunda rodada?

JUDITH: Eu quero. Você também Robert?

ROBERT: Obrigado, eu tenho ainda.

(No entanto, Judith pega o copo, segue Eva com seu copo até a cozinha).

Ei, eu tenho ainda.

SEBASTIAN (encolhe os ombros): Mulheres.

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Tô dizendo. Elas são assim. Tira o copo cheio da sua mão.

ROBERT: Não, Sebastian, elas não são assim. Eu não gosto nada dessa camaradagem, quando os homens brindam com suas cervejas e concordam que as mulheres são bobas. Porque elas não são.

SEBASTIAN: Mas você já...?

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Você nunca teve desejo?

ROBERT: Desejo?

SEBASTIAN: Venha, Robert, não se faça de “aluninho” de catequese.

ROBERT: Eu não me faço. Que catequese você está falando?

SEBASTIAN: Sim, catequese, você sabe. Todos estes padres... Meninos, que nem têm pelo debaixo do sovaco.

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Relaxa, se solta.

ROBERT: Agora eu estou longe de estar relaxado.

SEBASTIAN: Elas estão na cozinha, com o “Elephant Nose Blows”. Demora pra ficar pronto.

ROBERT: E o que isso tem a ver?

SEBASTIÃO: Com o quê?

ROBERT: Com seus irmãos da catequese.

SEBASTIAN: Tá vendo? Você também já tinha pensado nisso.

ROBERT: Eu?

SEBASTIAN: Levanta a batina, e, em seguida, aparece um porrete poderoso e pulsante, hm, Robert?

ROBERT: É por causa da sua fantasia de alce que você está ficando totalmente louco?

SEBASTIAN: Eu estou enlouquecendo. Suas botas de esqui grossas e pesadas estão me deixando louco.

ROBERT: Não se mova.

SEBASTIAN: Você vê, Robert, você também quer.

ROBERT: Eu? De jeito nenhum. Não se mexa. Eu vou gritar.

SEBASTIAN: Eu gosto da sua sensibilidade. Me excita.

ROBERT: Mas eu não quero que você fique excitado. Prefiro que você continue se comportando normalmente, e que você durma com a minha esposa.

SEBASTIAN: Esqueça sua mulher. Entregue-se ao alce.

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Entregue-se ao alce.

ROBERT: Você sabe o que você está dizendo? Você parece um folheto promocional sueco.

SEBASTIAN: Para o inferno com isso, se entregue a ele.

ROBERT: Não.

SEBASTIÃO: O alce.

ROBERT: Eu não quero, por favor, não.

SEBASTIAN: Você não sabe nem o que quer.

ROBERT: Sim, eu sei.

SEBASTIÃO: O que você realmente quer?

ROBERT: Eu quero fazer algo com madeira.

SEBASTIÃO: O que você quer de verdade, realmente? No seu ser mais profundo?

ROBERT: No meu mais profundo ser, chutar o nariz do elefante.

SEBASTIAN: No seu ser mais profundo, você me ama.

ROBERT: Você? Eu amo você?

SEBASTIAN: Olha.

(Olha).

ROBERT: Sebastian, você é um cara legal...

SEBASTIAN: Eu sou simpático, sou um alce.

(Ele ataca. Robert se defende).

ROBERT (de repente agressivo): Vai, venha aqui então, eu como você no café de manhã, seu fiado.

SEBASTIAN: Então me pega, Robert, me pega.

(Eles lutam ferozmente, o combate finalmente se torna apaixonado e sexual, em ambos os lados. Eva entra, em seguida, leva a panela para a cozinha. Continua sua conversa com Judith na cozinha sem prestar atenção no Sebastian e no Robert).

EVA (conversa) E eu digo: Sebastian, eu não tenho ideia de onde veio este pacote, eu não coloquei ele aí. E ele pergunta: e então, o que está marcado no remetente? Eu olho. E você acredita que estava escrito o meu próprio nome?! - e eu acho que, sacanagem que esta enviando pacotes em meu nome, e eu olho mais de perto, e então estou vendo que é exatamente o meu próprio caligrafia-.

JUDITH (chamando da cozinha): Mas o que havia no pacote?

EVA: Não sei.

(Para Sebastian e Robert, que continuam como se ninguém os incomodasse) Continuem, não se incomodem, vim apenas buscar esta planta rara.

(Traz o pacote para a cozinha. Enquanto ainda está fora).

Isso parece algo escrito por mim, com minha própria mão. Mas é estranho, não é fácil falsificar minha letra, eu sou muito individual. Minha personalidade é expressiva e extremamente rara. Apenas eu mesma conseguiria realizar esta façanha.

(Eva sai sem perceber as atividades de Robert e Sebastian. Ambos exaustos caem no sofá).

SEBASTIAN: E então? Foi tão grave assim?

ROBERT: Eu fiquei sem palavras.

SEBASTIÃO: É sempre como se fosse a primeira vez. No começo eu também fiquei com vergonha.

ROBERT: Eu não sinto nenhuma vergonha. Só não tinha ideia de que era possível chegar a tais sentimentos.

SEBASTIAN: Que sentimentos?

ROBERT: Sebastian. Estou atordoado. Acabei de fazer amor com um alce.

SEBASTIAN: E não foi bom?

ROBERT: Eu não realmente não sei o que eu fiz durante todos estes anos. Que desperdício de tempo. De agora em diante eu farei isso sempre.

SEBASTIAN: O que?

ROBERT: Apenas alces.

SEBASTIAN: Mas você sabe...

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Que era eu.

ROBERT: Sim. Você é o meu alce.

SEBASTIAN: Sim, com certeza, mas...

ROBERT: Eu vou deixar Judith. Mudaremos para uma pequena cabana, eu e você. Na Lapônia. Eu ficarei pescando e você estará ao meu lado, pastando nas margens férteis do lago.

SEBASTIAN: Robert, eu não quero te decepcionar...

ROBERT: Então, como os alces vivem? Eles roem a casca das árvores?

SEBASTIAN: Barriga de porco.

ROBERT: Barriga de porco?

SEBASTIAN: Eles preferem barriga de porco. Três, quatro pedaços, bem fritos na panela, acompanhados de purê de batatas.

ROBERT: Entendo. Eu sou vegetariano, mas não importa. O que importa agora somos eu e meu alce peludo.

SEBASTIAN: Robert, isso me deixa triste.

ROBERT: Mas o que foi, lindo?

SEBASTIAN: Eu sinto que você só se preocupa com o alce.

ROBERT: Naturalmente. O que mais?

SEBASTIAN: E eu?

ROBERT: Eu não entendo...

SEBASTIAN: Eu sinto que você só olha para os meus chifres, e não me percebe como uma pessoa.

ROBERT: Aí, meu Deus! Vai começar! Você quer também que eu me apaixone pelo seu interior, fofinho? O que você quer? Ser um semideus? Você é um animal que acabou de me acordar sexualmente. Isso já é o suficiente. Então, eu preciso te dizer que, me entregar inteiramente a você, isso seria muito.

SEBASTIAN: Mas isso é apenas uma fantasia.

ROBERT: Não importa o que você vista.

SEBASTIAN: Mas você não me vê, como eu sou, como pessoa.

ROBERT: Eu vejo você como você é, como alce.

SEBASTIAN: Eu não tenho certeza se isso é suficiente para mim a longo prazo.

(Judith e Eva mais uma vez).

JUDITH: Quatro "Elephant Nose Blows".

EVA: E então, vocês dois? Estão muito entediados sem a gente?

SEBASTIAN: Eva, eu senti tanto a sua falta.

ROBERT: Haha, essa é boa.

JUDITH: Robert, não seja tão sórdido.

ROBERT: Foi apenas porque ele disse que sentia a falta dela.

JUDITH: Deixa ele, se ele está com vontade de ser um pouco romântico em seu relacionamento.

ROBERT: Judith, eu vou te deixar.

JUDITH: Ah, mesmo?

ROBERT: Eu vou viver com Sebastian nas margens de um rio.

EVA: Com Sebastian?

ROBERT: Somos companheiros.

EVA: Vocês são companheiros?

ROBERT: Companheiros. No sentido de namorados. Namorados. Namorados.

Sebastian, explica pra ela.

SEBASTIAN: Não há nada para explicar.

ROBERT: Sebastian está tentando ser sutil. É um corte em ambas as nossas vidas e, ao mesmo tempo, uma partida para novas margens.

EVA: Sebastian, o que ele está falando?

SEBASTIAN: Eu não tenho ideia, realmente. Nós estávamos apenas sentados aqui, conversando.

ROBERT (solene): Judith, Eva. Sebastian e eu fizemos amor.

JUDITH: Vocês fizeram o que?

ROBERT: Fizemos amor. Amor. Neste sofá. E se eu uso essa palavra, é porque eu tenho plena consciência do seu amplo significado. Igualmente amplo é o sentimento do que falamos aqui.

JUDITH: Parece que vocês não querem deixar nenhum assunto de fora, esta noite.

EVA: Sebastian, você de novo?

SEBASTIAN: Eu? Eu nunca... O que você está pensando?

EVA: É inacreditável. Você comeu o Robert?

ROBERT: Aqui não tinha transa, nem comida. Isso não é fornicação. Este quarto modesto foi, por alguns momentos, um templo de amor, onde fui sacrificado ao Deus do amor. Vênus, Amor, Cupido santificado. Vocês santificarão este lugar com a sua presença.

JUDITH: Ele está maluco. Robert, você está louco. Os coquetéis foram demais pra ele.

EVA: Eu temo que ele esteja falando sério. Sebastian, como você pode fazer isso? Robert é seu melhor amigo.

Robert é seu melhor amigo.

SEBASTIAN: Mas eu não fiz nada... O que eu poderia fazer com o Robert? Quero dizer: Robert! Desculpe-me, mas o meu desespero ainda não chegou a esse ponto.

ROBERT: O quê?

SEBASTIÃO: (para Robert): Por que você assusta tanto as meninas? Não acho legal.

ROBERT: Sebastian, você não pode negar...

SEBASTIAN: Eu nego, eu nego. Eu nego tudo. É tudo tolice o que ele está falando.

Robert, você está bêbado.

ROBERT: Eu não estou bêbado, estou chocado.

EVA: Eu também estou chocada, Sebastian.

ROBERT: (a Sebastian): Agora eu vou levar você pela mão, e vamos passar por esta porta para uma nova vida. À Lapônia!

SEBASTIAN: Não.

ROBERT: Pelas patas! Alces são artiodátilos.

JUDITH: Ele realmente não aguenta nada.

ROBERT: Vocês não me levam a sério. Sebastian, por que você fica aí, sentado? Não foi tão bom para você quanto foi para mim?

SEBASTIAN (grita): Agora chega! Seu boiolinha! Você vai se sentar agora e parar com essa veadagem adolescente, senão eu vou te encher de porrada.

ROBERT (começa a chorar): Por que você está fazendo isso comigo?

Por quê?

EVA: Realmente. Por que você está fazendo isso com ele?

ROBERT: (a Eva): Fica fora disso, boneca.

(Para Sebastian) Sebastian, eu me abri para você. Eu te confiei meu corpo jovem e inocente e você fez com ele todas essas coisas maravilhosas.

SEBASTIAN: Jamais. Isso é bobagem.

ROBERT: Oh, isso dói. Dói muito.

JUDITH: jovem e inocente? Você tem um parafuso a menos! Você está prestes a fazer 40 anos!

ROBERT: Pela última vez: Venha. Venha comigo. Por esta porta: ao infinito! Rumo ao norte!

SEBASTIAN: Deveríamos chamar um médico?

ROBERT: Se você não vier agora, você nunca mais vai me ver.

SEBASTIAN: Robert. Sente-se. Você está totalmente perturbado.

(Para Judith:) Isso acontece muitas vezes?

JUDITH: Ele não aguenta nada. Pelo menos, não coquetéis.

ROBERT: (a Judith): Cale o seu bico.

(Para Sebastian:) Olhe para mim. Olhe para mim, Sebastian.

SEBASTIAN: Está bem.

ROBERT: Isso tudo não significou nada para você?

SEBASTIAN: Tudo o que? Eu não sei do que você está falando.

ROBERT: Essa é a sua última palavra?

SEBASTIAN: Sinto muito, mas agora você perdeu todos os seus parafusos.

ROBERT (balança a cabeça): Adeus.

JUDITH: Robert. Tome um gole d'água.

ROBERT (chorando): Adeus, adeus.

(Ele vai. As pessoas ficam sem saber o que fazer).

SEBASTIAN: Bem, uh, eu diria que ele realmente saiu fora da curva.

EVA: (a Judith): Você não quer ir atrás dele?

JUDITH: Ele vai voltar sozinho. Isso é apenas mais uma de suas fases. Vocês também retornaram.

EVA: Nós?

JUDITH: Todos sempre voltam. Pela menos, quando a luz se apagar. Alguém vai ligar a luz novamente, e depois, todos estamos de volta! Nunca vi acontecer de outra maneira.

SEBASTIÃO: É verdade. Talvez Robert foi apenas para o judô.

EVA: Robert faz judô?

JUDITH: Sim, eu o inscrevi, porque ele foi espancado, uma vez, no caminho para casa.

EVA: O que? Robert foi espancado?

SEBASTIAN: Sim, mas hoje ele fez uma faixa. Como se chama, tesouro?

JUDITH: Hachi-kyu, é a oitava kyu branco-amarelada.

EVA: Você acabou de chamá-la de tesouro?

SEBASTIAN: Algumas pessoas usam animais e dizem: gatinho, leãozinho. Nós somos mais abstratos, porque não gostamos e termos animalísticos. Então, dizemos: tesouro. Que significa, simplesmente, que damos muito valor um ao outro.

EVA: Vocês dão valor um ao outro?

JUDITH: Para algumas pessoas, este aspecto econômico não é muito romântico, eles preferem ser mais cosmopolitas e se chamam de: Darling, baby, ou algo mais mediterrâneo, como: amore mio.

SEBASTIÃO: Ou eles se menosprezam e se chamam com nomes de animais como: porco, galinha, vaca.

JUDITH: Eu acho que cabe a cada um decidir como queira.

Urso, macaco, galinha, periquito, mosca, qualquer coisa que seja.

EVA: Desculpe, eu estou um pouquinho confusa.

SEBASTIAN: Tudo bem. Você é nova por aqui.

EVA: Vocês, então, tem um relacionamento íntimo e Robert foi espancado?

SEBASTIAN: Obviamente, Anna. Mas agora eu não tenho muito tempo.

EVA: Anna?

SEBASTIAN: Não é o seu nome? Anna?

EVA: Não!

SEBASTIAN: Quase todas as mulheres se chamam Anna.

EVA: Eu não, meu nome é Eva.

SEBASTIAN: Não importa! De qualquer maneira eu gostaria que você começasse agora.

EVA: O que você quer dizer com começar?

SEBASTIAN: Judith me ajude, essa aqui não entende nada, essa Anna.

EVA: Eva.

JUDITH: Então, Anna, leve os copos para a cozinha, para a máquina de lavar louça, e em seguida, acima de tudo: fora com o lixo...

EVA: Máquina de lavar louça...?

SEBASTIAN: Sim, é assim que a chamamos.

EVA: O lixo...?

JUDITH: O entulho espalhado por aqui.

EVA: Claro, eu posso fazer isso... Mas na realidade sou convidada aqui, não é?

SEBASTIAN: Convidada! Isso é a gota d'água.

(Para Judith) Aonde você arrumou essa?

JUDITH (para Eva): É pedir demais, que você arrume um pouco? Você é especial ou diferenciada?

(Eva olha).

Anna? Lena? Charlotte? Parplürlpnerlpraul?

SEBASTIAN: Essa não entende nada.

(Muito agressivo, como se ela fosse estúpida): Eu não pago para você ficar olhando, sua burra, sua vadia da limpeza.

EVA: Isso que você fala entra por um ouvido e sai pelo outro, porque me falta totalmente a inteligência necessária para compreender tudo isso.

(Ela começa arrumar a sala).

SEBASTIAN: Que merda essa daí está falando agora?

EVA: Nada, estou aqui apenas para a limpeza dos resíduos. Porque, quando eles caem no chão e eu não os retiro com pá e vassoura, eles são empurrados para baixo do sofá.

(Sebastian faz um gesto como se ela não importasse).

SEBASTIAN: Inútil.

(Para Judith:) Estou com fome.

JUDITH: Claro, querido, fome.

(Judith vai para a cozinha).

EVA: Sob este sofá completamente minado, críticos da civilização devastaram suas sujeiras. O nó emaranhado é impuro e deve agora ser lançado pela obediente doméstica.

(Ela tenta tirar o lixo debaixo do sofá).

SEBASTIAN: Não há mais empregadas nacionais?

(Judith vem da cozinha com uma lata de conserva de damasco).

JUDITH: Tudo está bem limitado no momento. Estas conservas de damasco, por exemplo, são a última coisa que nos resta. Depois disso, podemos comer apenas nossas migalhas.

SEBASTIAN: Tudo vai continuar de alguma forma. Sempre continua, ou não?

JUDITH: Tudo sempre continua, indo e vindo, absolutamente correto. Abridor de lata, alguém?

EVA: Não tenho nada, nenhum artefato de metal para abrir... Mas posso abrir com a boca, com a minha própria engrenagem entre os lábios, posso morder e abrir a lata de damascos, já que sou uma doméstica, uma abelha trabalhadora diligente.

SEBASTIAN: Agora ela quer abrir com os dentes?

JUDITH: Se não tem outro jeito.

(Sebastian faz um gesto de recusa).

SEBASTIAN: Não. De qualquer forma, essa daí não vai ganhar nenhum damasco.

JUDITH: Scht.

SEBASTIAN: Porque senão, não teremos o suficiente para nós, e aqui nós dois somos os primeiros, quer dizer, os principais. Somos os mais importantes, e esta aí é apenas uma escrava da limpeza, que nem é deste país.

JUDITH: Você não precisa jogar isso na cara dela, senão ela não vai abrir a lata pra gente.

(Para Eva)

Seja uma boa empregadinha doméstica, e abra a latinha. Assim você também vai poder pegar uma fatia dessa frutinha deliciosa.

EVA: A empregada tem forças e abre a lata de uma vez, com os dentinhos que ela tem.

(Eva abre a lata com os dentes).

SEBASTIAN: Como esse povo consegue, esses exóticos de fora? Meus dentes teriam caído um por um no meu colo.

EVA: E agora os dedos de pinça no molho suave de suco, porque eu sou uma empregada robô.

SEBASTIAN (Ele dá uma pancada na cabeça dela): Tire as mãos da lata. É meu. (Ele pega a lata).

JUDITH: Dê a ela um pedacinho.

SEBASTIAN: Nada.

(Ele come).

JUDITH: Pelo menos deixe algumas para mim. É a última lata.

SEBASTIAN: Aqui, come mulher, para você não desmaiar.

(Eles dois comem da lata).

EVA: E a doméstica, que abriu a lata mordendo com os dentinhos? O que ela recebe?

SEBASTIÃO: A doméstica pode receber um soco na cara, se ela está querendo algo para enfiar nos dentinhos!

EVA: Apesar da fraqueza, fiz uma pequena poesia sobre os deliciosos damascos:

Oh, já fraca, já,

Olha, Que mal, que mal,

Já vacilam as pernas tremendo

Olha,

Já diminuem os sentidos

Já entra em colapso

Olha:

Tão terrível ela morre

Que Beleza, que mal, que mal,

(Ele cai no chão durante a recitação).

JUDITH (pedindo): Um pequeno pedacinho, para ela não morrer.

SEBASTIAN (irritado): E depois? Isto depois poderia ser o mesmo pedaço que nos falta. Quem colocou a lata na prateleira, para ela esta lá, como reserva, quando o comida acaba? Foi ela ou fomos nós? Como seria se todos agissem assim, como ela? Como seria se nós agíssemos como ela? Com que direito ela demanda a nossa

comida? Não seria bastante abandono do dever e contra produtivo da nossa parte, se nos damos mão para aos pedidos dela, que faltam todos os direitos, não significaria isso apenas a prolongar a má administração sem pensar? Que exemplo daríamos para as futuras gerações e para nós mesmos? Sim, e não se esqueça: Nós mesmos! O que será de nós agora que os damascos cessaram?

JUDITH: O quê?

SEBASTIAN (se corrige): Se esgotaram. Agora que foram esgotados os damascos, o que será de nós?

EVA: E no último momento da minha vida, antes que seja tarde demais, eu deixo minha mísera impressão. Pouco antes do meu fim, de repente, não importa mais se eu sou cidadã nativa ou estrangeira, porque eu caio finalmente no chão, e quem está no chão pode ser reduzido ao status de uma criatura e gera compaixão. Mas, felizmente já é tarde demais, meus olhos estão muito perto do chão e olham uma última vez para cima, porque logo eles olharão o chão a partir debaixo. É a última coisa que eu penso, e logo em seguida darei o último suspiro rumo ao além, para entrar para as estatísticas e me tornar comida para os homens, acompanhada de pão de forma. Este é meu fim, por enquanto.

(Dá o último suspiro).

JUDITH: Estamos a vendo morrer... Lidamos com isso, ou não?

SEBASTIAN: Sabemos também porque ela está morrendo, mas lidamos com isso, ou não?

JUDITH: E sabemos que não é culpa dela.

SEBASTIAN: E também gostaríamos de pensar que não é culpa nossa.

JUDITH: Em suma, podemos dizer: Lidamos com isso, certo?

SEBASTIAN: Claro, lidamos bem com isso.

JUDITH: Bem. Muito bom. Ainda tem damascos?

SEBASTIAN (olha a lata): Um gole de suco.

(Judith dá um gole, Sebastian puxa Eva para fora, para a direita).

SEBASTIAN: Se você me pergunta, ela está fazendo um drama, porque, tão pesada como ela é, ela ainda tem reservas.

JUDITH: E, finalmente, quando a luz voltar, todo mundo está de volta. E alguém sempre se faz de competente e move uma cadeira que caiu durante a última luta feroz, fingindo ser importante, levanta a cadeira e leva ela para o outro lado para que nenhum dos colegas caia em cima dela. Os queridos colegas que voltam agora foram antes abatidos com uma faca. Mas de repente, todos são amigos novamente, e é tão bom mostrar isso, porque existem tantas pessoas assistindo, e elas acham simpático que você tire a cadeira do caminho dos colegas. E todos dão as mãos, e então você está cansada, muito cansada, e ainda ofegante, por ter dado tudo, tudo? E é tão bonito mostrar o rosto na luz, para a vista de todos, porque você está tão exausta, e nas pontas dos cabelos, o suor escorrendo, porque você deu tudo...

(Sebastian entra pela direita, está nu, se seca com uma toalha).

SEBASTIAN: Você sabe o que eu entendi agora?

JUDITH: Você entendeu alguma coisa?

SEBASTIAN: Tudo aqui não é verdade. Toda essa parafernália em volta não é de verdade.

JUDITH: Você não quer vestir alguma coisa primeiro?

SEBASTIAN: Não. Estamos sentados em uma caverna.

JUDITH: Ah, uma caverna, que suspense, me explica.

SEBASTIAN: Estamos sentados em uma caverna e olhamos fixamente para a parede onde algumas sombras dançam. Porque pela entrada da caverna entra um rastro de Luz. Mas nós nunca estivemos lá fora. Tudo o que vemos são apenas as sombras do grande mundo, amplo e real fora da caverna.

JUDITH: O que você diz é Platão.

SEBASTIAN: Não, o que estou dizendo é: Nós nunca vimos o mundo. Nossa percepção é insignificante. Nós apenas vemos as sombras da realidade...

JUDITH: Sim, isso é Platão. O mito da caverna.

SEBASTIAN: Por que você está repetindo Platão?

JUDITH: Essa teoria já existe. É Platão.

SEBASTIAN: Bobagem, Platão.

JUDITH: Isso foi há mais de dois mil anos atrás. Mas hoje, você caminha pela rua e vê pessoas empurrando carrinhos de bebê e comprando alface orgânica. Você coloca a criança para dormir e canta uma canção, e isso faz o mundo parecer completamente harmonioso. E o céu lá em cima com suas estrelas se fecha, e as sondas viajam para planetas distantes, e eu penso: é isso que é o mundo. Mas em seguida, eu ligo a TV, e de repente o mundo está se movendo, edifícios entram em colapso, e quem sobrevive a isso é logo fuzilado, porque em algum lugar existe uma guerra, porque lá existem depósitos subterrâneos de arsenais enormes de Armas de Destruição em massa e em outras partes do mundo ou no outro canal de TV existe uma selva e lá vive a anta da Índia, e ela também agora faz parte do mundo, ela talvez também coma alface orgânica... ? Mas não, ela está extinta e a alface não é orgânica, e também não existem arsenais enormes, subterrâneos de armas de Destruição em massa... Tudo mentira! Mas existem campos de destruição em massa na superfície, e embaixo da terra existe apenas o óleo pegajoso... E eu desligo rapidamente a TV e vou para a pista de esqui, essa agora também deve fazer parte do mundo, e talvez você possa quebrar uma perna, mas não, quando você cai, você ainda tenha duas vidas, e quando elas terminam, você reinicia o programa, porque a minha perna e a dor na minha perna não passam de impulsos elétricos nas minhas sinapses. Não há dor e nem mesmo uma perna, porque tudo, tudo é uma mentira, sem exceção, porque Deus mesmo está mentindo, ele não está morto e ele também não foi fazer xixi. Ele está mentindo sem vergonha, e o mundo não é um objeto, mas apenas informações sobre um objeto que nem existe, e este é o ponto de virada: em frente da sua caverna... Não há nada! Você ainda acha que deveríamos sair da caverna, porque lá fora em algum lugar, se esconde uma verdade real e concreta, esperando para ser reconhecida, mas lá não há nada, não há verdade, a verdade não existe, nunca existiu, ainda não nasceu no mundo, porque o mundo no qual ela poderia nascer não existe.

(Sebastian está olhando).

SEBASTIAN: E a anta da Índia?

JUDITH: Não existe.

(Sebastian olhando).

SEBASTIAN: Bem. Ok. Não existe a anta, tá bom. Eu consigo viver com isso, mas...

JUDITH: Não há anta. Não há selva.

SEBASTIAN: Tá bom, ok, mas e eu? O que há de mim, se não houver anta?

JUDITH: Você?

SEBASTIAN: Claro, eu, quem mais está aqui?

JUDITH: De você não há nada.

SEBASTIAN: Como nada?

JUDITH: Você não existe.

SEBASTIAN: Mas você está me vendo. Estou aqui.

JUDITH: Você é apenas um sinal elétrico nas minhas sinapses.

(Robert entra com duas malas. Vestindo as mesmas roupas do início da peça).

ROBERT (assustado): Jesus, Salvador!

SEBASTIÃO: (a Judith) E isso você me diz assim direto na cara: Sebastian, você não existe.

JUDITH: Não precisa levar isso para o lado pessoal.

SEBASTIAN: Como então, se isso se trata da minha pessoa.

JUDITH: Sua não. Já que a sua pessoa não existe.

ROBERT: O que vocês estão fazendo?

SEBASTIÃO: (a Judith): Mas e você? Você existe, ou o que?

JUDITH: Parece que sim, pelo menos na minha perspectiva.

SEBASTIAN: Mas você não tem certeza?

ROBERT: Com licença?

JUDITH: Considerando o tempo que nós não existimos antes do nosso nascimento e o tempo que nós passaremos sem existir após a nossa morte, a questão da nossa existência é completamente irrelevante de qualquer forma.

ROBERT: Olá?

SEBASTIAN: Posso te dar um soco na cara, porque eu existo.

JUDITH: Oh, realmente? Quem disse?

SEBASTIAN: Eu.

JUDITH: Não existe.

SEBASTIAN: E assim você também vai sentir bastante que você existe.

JUDITH: Não mudaria nada. Tudo não passa de impulsos elétricos nas sinapses.

ROBERT: Lamento interromper, mas as férias acabaram.

SEBASTIÃO: O que você quer? Nós estamos falando agora.

ROBERT: Estou vendo.

SEBASTIÃO: (a Judith): Está vendo? Ele nos vê.

JUDITH: Somos apenas eletricidade na cabeça dele, blinc, blinc.

ROBERT: As férias acabaram, e agora eu gostaria de rever a correspondência com Eva.

SEBASTIAN: Não tem nenhuma Eva aqui.

JUDITH: Está vendo, agora você mesmo diz: Eva não existe.

SEBASTIAN: Mas é claro que ela existe. Ela só está lá fora se trocando.

(Eva entra pela esquerda. Veste as mesmas roupas do início da peça. Carregando o vaso grande com a planta).

EVA: O que você disse?

SEBASTIAN: Está vendo. Ela está aí.

EVA: Oh.

JUDITH: Blinc, blinc.

ROBERT (a Eva): Estou indo Eva, um momento.

(Eva faz sim e desaparece).

ROBERT (para Judith e Sebastian): Obrigado por terem tomado conta das nossas correspondências, enquanto esquávamos nas pistas de Bariloche. Muito obrigado, mas agora estamos de volta.

SEBASTIAN (triunfante): Ah! Você ouviu? Ele afirma que está aqui.

JUDITH: Mas não está. Egocentrismo humano puro.

ROBERT: Na verdade, isso agora deveria ser uma cena de duas pessoas: Eva e eu.

(Sebastian e Judith olham).

Mas para mim, vocês podem ficar mais um pouco... Eu vou rever a correspondência e abrir o pacote.

SEBASTIAN: Você não vai realmente abrir o pacote?

ROBERT: Sim, está escrito assim no texto.

SEBASTIAN: Oh, Judith, é melhor irmos, ele vai abrir o pacote.

JUDITH: Que pacote?

SEBASTIAN (atordoado): O pacote, Judith! Que ficou aqui fechado a noite inteira! Está tudo bem com você?

JUDITH: Não existe pacote. Blinc, blinc.

SEBASTIAN: Aqui está, meu deus!

JUDITH: Isso?

SEBASTIAN: Sim

JUDITH: Mas ele não quer abrir isso.

SEBASTIAN: Ele acabou de dizer que vai abri-lo.

JUDITH: (para Robert): Não faça isso.

ROBERT: Por quê? Se é para mim.

JUDITH: É melhor você deixá-lo fechado.

ROBERT: Não entendo.

SEBASTIAN: Também não é necessário. Simplesmente deixe.

ROBERT: Não, isso é muito vago, vou abri-lo agora.

(Ele levanta o pacote).

JUDITH: Não!

ROBERT: O quê?

SEBASTIAN: Se você abrir o pacote, nada mais vai ser como antes.

ROBERT: Você tem que admitir que está um pouco histérica, não acha?

JUDITH: Simplesmente, acredite em nós.

ROBERT: Eu só acredito no que eu vejo com meus próprios olhos, e aliás, tem mais: tudo, tudo é uma mentira. Além disso, talvez eu queira que nada mais seja como era antes. Nos livros também, sempre está escrito: Este livro vai mudar a sua vida. Muitas pessoas querem isso, que a sua vida vai se transforme.

JUDITH: Bem, vamos agora. Ele é louco.

SEBASTIÃO: (a Judith): Obviamente.

(Para Robert:) Não venha dizer depois que nós não o avisamos.

JUDITH: Vamos embora agora, para fora da caverna.

ROBERT: O que vocês todos tem? É apenas um pacote.

SEBASTIAN (com um gesto de recusa): Inútil.

(Sebastian e Judith saem).

ROBERT: E Sebastian.

SEBASTIAN: O que mais?

ROBERT: Você está sem roupa.

SEBASTIAN: Meu deus, mas isso eu sei.

(Eles vão embora. Robert se senta, pacote na mão. Ele abre. Vê o conteúdo dentro por um longo tempo. Ele pega uma carta, abre-a e lê).

ROBERT: Eva?

(Nada).

Eva, eu abri o pacote.

(Nada).

Você pode vir até aqui por um momento, por favor?

(Nada).

Eva?

(Nada).

Eva, eu -

(Nada).

Me deu branco agora.

(Nada. Robert continua sentado, ele olha para dentro do pacote, olha sem saber o que fazer em volta de si. Eva vem da cozinha. Na mão, o vaso bem grande com a planta).

EVA: O que você disse?

ROBERT: Eu não sei... Eu, eu não sei o que fazer nesse momento.

(Eva olha para ele).

EVA: Foi você que colocou essa coisa na cozinha?

ROBERT: Eu? Você é a botânica.

EVA: Nunca a vi.

ROBERT: Você deve ter plantado uma semente e enquanto estávamos de férias, a semente germinou e brotou essa planta.

EVA: Não.

(Nada).

E? O que há no pacote?

ROBERT: Sabe, eu o abri agora e tem a seguinte carta: "Cara Sra. Eckels"

EVA: Sou eu.

ROBERT: Exato.

EVA: O pacote é para mim.

ROBERT: Isso não importa agora. "Querida Sra. Eckels. Eu sequestrei o seu marido."

EVA: Mas...

ROBERT: Eu sei, seu marido está sentado aqui na sua frente e está lendo esta carta para você, mas de qualquer forma: "sequestrei o seu marido. Se você quiser vê-lo vivo, então atenda aos seguintes requisitos. Seja uma boa pessoa. Pague suas contas e colabore para transformar o seu país em um país desenvolvido. Bobagem. Para mim, você pode continuar a ser uma pessoa má, mas apresse-se e transfira todo o seu dinheiro para minha conta indicada abaixo. Como prova de que o seu marido está em minhas mãos, eu mando com a mesma correspondência uma parte cortada do corpo, que pertence claramente ao seu marido."

"Atenciosamente, sua Eva Eckels".

EVA: Eva Eckels?

ROBERT: Sim, e isso é estranho, não é.

EVA: Deixa-me ver.

(Ela toma a carta).

"Eva Eckels". Sou eu.

ROBERT: Exato.

EVA: Eles me falsificaram.

ROBERT: Isso é claramente a sua escrita.

EVA: Verdade. Isso é sem dúvida a minha escrita e ela é incrivelmente difícil de falsificar, porque eu sou extremamente individual, e...

ROBERT (interrompe): Eva. Eu estou muito preocupado.

EVA: Não se preocupe Robert, eles não te sequestraram. Você está sentado aqui na minha frente.

Robert: Eu não sei.

EVA: Eles podem dizer o que quiserem.

ROBERT: Eva o pacote.

EVA: O que tem o pacote?

ROBERT: No pacote...

(Robert começa a tremer. Eva, de repente lembra).

EVA: A parte cortada do corpo...

(Robert faz sim. Eva tira do pacote uma cabeça cortada. É obviamente a cabeça de Robert).

EVA: Isso é a sua cabeça.

ROBERT: Sim.

EVA: Que horrível. Eles cortaram a sua cabeça.

ROBERT: Parece que sim.

EVA: Mas...

ROBERT: Eu sei o que você está pensando. A carta diz: Se você quiser vê-lo vivo...

EVA: Certo, vivo. Como pode ser? Assim, sem a cabeça?

ROBERT: Eva. Estou profundamente confuso.

EVA: Robert, você está morto.

ROBERT: Eu não sei...

EVA: Não fui eu que cortei sua cabeça.

Robert: Eu não sei. Melhor você transferir o dinheiro. Ou você se tornar uma boa pessoa. Ou sei lá o que.

EVA: Robert, acima de tudo você deve manter a sua cabeça fria.

ROBERT: Fria... O que?

EVA: Nada no mundo deveria agora fazer você perder a cabeça.

ROBERT: Parece que eu já perdi.

EVA: Tire essa ideia da sua cabeça.

ROBERT: De que cabeça, então?

EVA: Por que eles teriam essa ideia na cabeça, de chantagear nós dois? Isso não entra na minha cabeça...

ROBERT (escuta): Eva...

EVA: Deixe isso passar de uma vez pela sua cabeça, e não perca a cabeça, você não deve quebrar a cabeça, levante a cabeça, não deixe a cabeça cair...

Robert: Ouve!

EVA: O quê?

ROBERT: Não está ouvindo?

EVA: O quê? Não ouço nada.

ROBERT: Eu acho que tem alguém lá.

EVA: Onde?

ROBERT: Lá. Por trás da parede.

EVA: Será que são seus sequestradores?

ROBERT: Sabe, talvez eles já estejam aqui.

EVA: No nosso apartamento?

ROBERT: Eu estou sentindo isso a noite toda: eu digo alguma coisa e de repente tenho a sensação de que alguém está escutando. Você sabe o que eu quero dizer?

EVA: Sim, absolutamente. Estes são os sintomas normais de um colapso mental.

ROBERT: Eles estão olhando para nós, eu estou sentindo isso. Agora, nesse momento, dezenas de pares de olhos focados em nós. Você não está sentindo isso?

EVA: Mas aqui não tem nada para ver.

ROBERT: Eles estão ouvindo, estão cutucando nossos intestinos. Nós somos feitos de vidro e, por isso, eles sabem que tipo de pessoas nós somos.

EVA: E então?

Robert: Eu não sei. Talvez eles queiram nos vender alguma enciclopédia.

EVA (profundamente chocada): O quê!

ROBERT: Sim, ou armar uma dessas tendas de plástico em nossos jardins.

EVA: Mas, Robert, não vejo ninguém por aqui.

ROBERT: Eu estou os ouvindo respirarem. Lá em algum lugar.

(Ele aponta a quarta parede).

EVA: Mas lá tem uma parede.

ROBERT: Mesmo? Você vê uma parede lá?

EVA: Você não?

(Robert está olhando).

Robert, eu fico nervosa quando você fica assim.

ROBERT: Eu às vezes tenho a sensação de que tem alguém sentado lá fora, no nosso jardim, nos observando.

EVA: No nosso jardim?

ROBERT: Sim, mas agora isso é uma sala. Eles até colocaram cadeiras para eles ficarem mais confortáveis.

(Eva se aproxima da quarta parede).

EVA: Eu só vejo uma parede. Mas podemos fingir que tem uma janela aqui, e então, olhamos para fora para ver se tem alguém vagando no nosso jardim, sentado em uma cadeira para ficar olhando para sua cara.

ROBERT (falando baixo): Não! Não fale.

EVA: O quê?

ROBERT (falando baixo): Talvez não gostem que falem com eles.

EVA (agora também em voz baixa): Não? E por que não?

ROBERT (em voz baixa): Talvez eles não gostem de ser incomodados enquanto olham.

EVA (em voz baixa): Robert, me diga uma coisa.

ROBERT (em voz baixa) Sim?

EVA (em voz baixa) Por que você está falando tão baixinho?

ROBERT (em voz baixa): Podemos também falar em código.

(Em voz normal, indicando o vaso de planta) Geipenkschnisseroll mentira kro, flüchtu taschnau entschlur pnüttel schäbrung, knei zulp vertrü tripolor, klöppe strickzit zerschessen brachsab wull.

EVA (balança a cabeça): Ah.

ROBERT: Maßlunglö zapper pneu plausível, schapfe mah vah blamuscheltopusik.

EVA (balança a cabeça): Eu entendo. E você tem certeza que você não se tornou totalmente louco?

(Robert olha para a plateia. Sebastian sobe ao palco como um técnico, se dirige a mesa do sofá e a remove para fora).

EVA: O que foi isso?

ROBERT: Eu não tenho ideia.

EVA: Está começando agora?

ROBERT: O quê?

EVA: Era um deles?

(Retorna Sebastian. Leve a planta).

SEBASTIÃO: É sua?

EVA: Não. É sua?

SEBASTIAN: Então posso levá-la?

EVA: Uh...

ROBERT: Sim. Pode levar embora.

(Sebastian leva a planta para fora).

ROBERT: Pode ir embora com essa coisa, ou não?

EVA: Robert, o que esse cara está fazendo?

ROBERT: Pergunte a ele. Estou vendo esse cara pela primeira vez.

(Parte da parede traseira cai na sala. Sebastian volta pelo buraco aberto. Traz uma chave de fenda elétrica e começa a desmontar o palco. Robert e Eva olham atordoados).

EVA: O senhor? O que você está fazendo?

SEBASTIAN: Desmontando.

EVA: Mas não agora.

SEBASTIAN: Por que não?

EVA: Nós ainda não terminamos aqui.

SEBASTIAN: Eu tenho minhas instruções.

EVA: De quem?

SEBASTIAN: De cima.

EVA: Ah, mesmo?

SEBASTIÃO: (para Robert): Você está de bobeira aí, pode me dar uma mão?

ROBERT: Onde?

SEBASTIAN: Se você puder, lá...

(Robert ajuda Sebastian a remover um elemento do palco. Robert retorna como técnico.)

EVA: Mas vocês não podem...

ROBERT: Talvez você possa tirar a cabeça daqui de uma vez, ela é muito frágil. Não quero que caia alguma coisa em cima dela.

(Eva coloca a cabeça debaixo do braço).

EVA: Não vou fazer nada. Não foi acordado assim. Foi dito que tínhamos até as dez horas.

(Para a plateia) Alguém pode fazer alguma coisa, por favor?

SEBASTIAN: Eu não sei de nada. Apenas tenho instruções para remover essas coisas daqui.

EVA: Alguém pode explicar por que no meio da cena tudo foi removido?

ROBERT: Sabe, Eva. Isso acontece em algumas montagens. No final, o cenário vai estar desmontado, palco vazio, radical, tudo para fora. Até a cortina cai! É um clássico da direção teatral.

EVA: Mas agora não é o fim da peça, eu não fui informada de nada disso.

(Judith entra como assistente de direção).

JUDITH: Desculpe, Eva, devia ter lhe contado antes...

EVA: Contar o quê? Isso é o cúmulo! Eles entram no meio da minha cena! Isso é normal aqui?

SEBASTIAN: Podemos ter luz de trabalho, por favor?

ROBERT: Está totalmente escuro lá no fundo.

EVA: Olha como eles gritam, como se isso fosse deles. Parece que nós fizemos tudo isso apenas para o pessoal da técnica e não para a arte.

JUDITH: Eva, eu tenho que te comunicar o seguinte...

EVA: Isso nunca aconteceu comigo em nenhum outro teatro.

JUDITH: Eva, ele não gosta mais do cenário.

EVA: O quê? Ele não gosta mais do cenário? Ele é maluco, ou o quê?

JUDITH: Ele disse que se olhasse mais um minuto para este cenário ele iria vomitar na plateia.

EVA: Então ele deveria ter dito isso ontem, merda maldita! Mas não no meio da minha cena, tirando onda com a minha cara!

JUDITH: Eu sei, eu mesma também não acho que seja um procedimento adequado, mas ele disse: Fora, removam esse lixo. É muito melhor fazer em um palco vazio. Tudo deve ser muito mais radical, simplificado, muito mais abstrato e menos óbvio e psicológico.

EVA: É o que eu disse desde o início: que não funcionava com este cenário. Mas isto ele deveria ter pensando antes. Aliás, onde ele está agora?

JUDITH: Ele foi embora.

EVA: Ele o quê?

JUDITH: Ele foi embora.

EVA: Pra onde? Pra cantina?

JUDITH: Pra casa. Eu acho que ele foi para casa.

EVA: Eu não acredito.

JUDITH: Ele disse que odiou tudo isso e que não quer mais ter nada a ver com esse trabalho.

EVA: Mas eu estou aqui. Estou me acabando aqui...

SEBASTIAN (enquanto trabalha): Bem, baixa a bola um pouco, você não se acabou tanto assim.

JUDITH: Na verdade...

EVA: O quê?

JUDITH: Na verdade, hoje ele nem veio aqui.

EVA: Como, não veio?

JUDITH: Estritamente falando, já fazem dias que eu não o vejo nos ensaios.

EVA: O quê?

JUDITH: Eu acho que ele teve uma crise, ou algo parecido.

EVA: Você quer dizer que nós estamos ensaiando a dias sem diretor?

JUDITH: Bem, basicamente eu acho que ele não estava aqui desde o início.

EVA: Você quer dizer, em momento algum? No sentido de "nunca"?

SEBASTIAN (referindo-se a parte que ele está carregando): Alguém sabe onde isso deveria ir?

JUDITH (voltando-se para Sebastian): Não faço ideia.

(Sebastian carrega a peça para fora).

JUDITH (voltando-se para Eva): Eu acho que ele nunca apareceu aqui no teatro.

EVA: Mas então o que nós estamos fazendo aqui?

JUDITH: As vezes, eu tenho a impressão de que não existe diretor nenhum.

ROBERT (referindo-se a parte que ele está carregando): E isso aqui?

JUDITH: Deixe as coisas simplesmente em qualquer lugar. Nós também não sabemos no momento.

EVA: Nenhum diretor?

JUDITH: É a minha impressão. Acho que foi apenas uma ideia, para nos acalmar.

ROBERT: Então, nós também fazemos uma pausa, ok?

JUDITH: Sim, tranquilo, façam uma pausa.

ROBERT: Vocês querem uma cerveja?

(Abra duas garrafas para Judith e Eva).

JUDITH: Obrigado.

(Robert senta e bebe cerveja. Judith também senta e bebe. Eva fica em pé).

JUDITH: Encontrei recentemente no corredor com o Friedrich. Friedrich acha que ele está morto.

EVA: Morto?

(Sebastian entra com uma barba de Nietzsche).

SEBASTIAN (grita): Aonde ele foi? Eu quero dizer para vocês! Nós o matamos! Todos nós somos os assassinos dele. Mas como fizemos isso? Como nós conseguiríamos beber o mar inteiro até o último gole? Quem nos deu a esponja para tirar todo o horizonte? O que fizemos quando desprendemos esta terra do seu sol? Para onde ela está se movendo agora? Para onde vamos? Longe de todos os sóis? Não estamos continuamente caindo? Para frente, para trás, para o lado, para todos os lados? Ainda existe um cima e um baixo? Não estamos nos desviando através de um nada infinito? Não sentimos o sopro do espaço vazio? Não se tornou mais frio? Não é sempre a noite, que vem sem parar, e cada vez mais noite? Não precisaríamos acender lanternas já na manhã? Não estamos já ouvindo o barulho dos coveiros que o enterraram? Ainda não sentimos o cheiro da sua putrefação? Ele está morto! Ele permanecerá morto! E nós o matamos!

(Sebastian cai para fora do palco, para trás).

EVA: Como agora, morto?

JUDITH: Primeiro, eu também fiquei um pouco assustada.

EVA: Morto! Ele está falando bobagem, esse Friedrich. Primeiro ele deve tirar essa barba horrível.

JUDITH: Eu também não acho que isso seja verdade, porque se ele estivesse morto, significaria que, ele já existiu em algum momento.

EVA: E você acha que...

JUDITH: Minha impressão é que tudo isso aqui está rolando sem ele desde o início.

EVA: Então, nenhum diretor.

JUDITH: Não.

EVA: Nunca.

JUDITH: Não, porque, caso contrário, não pareceria tão assim... aqui.

EVA: Hm.

JUDITH: Venha, sente-se um pouco e beba.

(Eva senta-se e bebe).

EVA: Mas eu sempre pensei: lá fora existe alguém que está me vendo.

JUDITH: Hm.

(Olha para Eva para fora. Sebastian volta com uma garrafa de cerveja e se senta com os outros).

SEBASTIÃO: Ela, então...?

ROBERT: Choque.

SEBASTIAN: Ela está em choque?

ROBERT: Não, na realidade não, é diferente, ela está interpretando.

EVA (dirigindo-se a audiência): Olá? Existe alguém aí fora?

JUDITH: Deixa. No fundo, não é tão ruim assim.

(Eva ouve e olha em volta).

JUDITH: Olha, tudo continua, mesmo assim. Tudo sempre segue. A música toca. Os refletores continuam a acender. Em algum lugar alguém está falando. Isso nunca vai terminar.

SEBASTIAN: Mas em algum momento temos que terminar o trabalho.

JUDITH: Mas até lá ainda tem muito tempo. E ninguém grita com você e te diz que tudo que você está fazendo está errado. Você pode fazer o que quiser.

EVA: Verdade. É bom.

(Nada).

Eu só me pergunto: Quem me deu este papel?

(Nada).

SEBASTIAN: Acabou?

ROBERT: Ainda não.

JUDITH: (para Robert): Você ainda vai fazer o seu anúncio?

(Robert levanta-se).

ROBERT: biba schnie blasument Dau, murlerei Putze schnie

Bicke Frabill. Ulmei Ubka sprösu Blok teßklako uppe

ildeschwä brembück. E agora, finalmente, uma canção:

JUDITH, ROBERT, SEBASTIAN e EVA (cantando):

Durma, meu filho amado,

E os pais?

Sono, que deixaram

Dorme, meu filho, não há mais medo

Durma bem, você vê ou conta

Dormir, dormir, amar, dormir confiante.

Durma, meu filho amado,

E as pessoas?

Sono, que se foi,

O local está abandonado

Dormir, dormir, não se preocupe

Dormir, dormir, amar, dormir confiante.

Durma, meu filho amado,

E nós?

Dormir, que fomos

Dormir, que nunca encontrei

Dormir, dormir, amar, dormir confiante.

Final

12.11.10